



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

FILIPE JOSÉ BENTO BAIO

O Pão de Cada Dia

Análise filosófica, teológica, pedagógica e didáctica
à Unidade Lectiva Quatro do Sexto Ano do Ensino Básico
do Programa de EMRC

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Doutor Bernardino Costa

Porto
2015

Jo 6, 9:

“Há aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?”

Maria Teresa Gerhardinger

(Fundadora da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora):

“Quando o Senhor abençoa, pouco pão é suficiente para muitos!”

Índice

Índice	3
Siglário.....	5
Introdução	7
I – Análise filosófica e teológica	10
1.1 Análise filosófica	10
1.2. Análise teológica.....	14
1.2.1 Apresentação, aprofundamento e reflexão da perícopes Jo 6, 1-15	14
1.2.1.1 Apresentação	14
1.2.1.2 Aprofundamento.....	15
1.2.1.3 Reflexão	21
II – Análise pedagógica e didáctica	23
1. Apresentação da Unidade Lectiva	23
2. Análise, reflexão e sugestão à UL	25
III. Experiência pessoal lectiva	38
1. Caracterização da Turma (dados, sua leitura crítica e relações pedagógico-didáticas para a disciplina de EMRC).....	38
2. A experiência e as aprendizagens na Escola EB 2/3 Sophia de Mello Breyner	39
2.1 A experiência	39
2.2 As aprendizagens	54
3. Ser professor de EMRC, hoje	56
Anexos	61
Materiais de apoio à Unidade Lectiva	61
Aula 1.....	61
Aula 2.....	62
Aula 3.....	63
Aula 4.....	66
Aula 5.....	69
Aula 6.....	83

Conclusão.....	85
Bibliografia	89
Internet.....	92

Siglário

1 Tm	- Primeira Epístola a Timóteo
2 Rs	- segundo Livro dos Reis
a. C.	- antes de Cristo
AA.	- Autores Vários
VV.	- Autores Vários
Act	- Livro dos Actos dos Apóstolos
AT	- Antigo Testamento
CA	- Caderno do Aluno
Cap.	- Capítulo
Cf.	- Confrontar
CIC	- Catecismo da Igreja Católica
CN	- Ciências da Natureza
Comp.	- Competências
EB	- Escola Básica
EMRC	- Educação Moral e Religiosa Católica
ERE	- Ensino Religioso Escolar
EVT	- Educação Visual e Tecnológica
Ex	- Livro do Êxodo
Gn	- Livro do Génesis
HGP	- História e Geografia de Portugal
Introd.	- Introdução
Jb	- Job
Jo	- Evangelho de João
Lc	- Evangelho de Lucas
LG	- Lumen Gentium
LP	- Língua Portuguesa
MA	- Manual do Aluno
Mc	- Evangelho de Marcos
Mt	- Evangelho de Mateus
N.º	- Número

NT	- Novo Testamento
Pág.	- Página
Pe.	- Padre
PP	- Encíclica Populorum Progressio
PPS	- Prática Pedagógica Supervisionada
S.	- São
Sab	- Livro da Sabedoria
Sir	- Livro do Eclesiástes
Sl	- Livro dos Salmos
SNEC	- Secretariado Nacional da Educação Cristã
ss	- Seguintes
Tg	- Epístola de Tiago
Trad.	- Tradução
UL	- Unidade Lectiva
v.	- Versículo
vv.	- Versículos

Introdução

O objectivo da elaboração desta Dissertação é dar a conhecer o meu trabalho desenvolvido no ano de Prática Pedagógica Supervisionada na Escola EB 2/3 Sophia de Mello Breyner, em Arcozelo, Vila Nova de Gaia, sob orientação do Mestre Carlos Manuel Meneses Moreira, docente de Educação Moral e Religiosa Católica dessa mesma Escola, e fazer uma reflexão teológico-filosófico sobre a Unidade Letiva 4 do sexto ano do Ensino Básico – O Pão de Cada Dia a partir da perícopes Jo 6, 1-15 – para a conclusão do Mestrado em Ciências Religiosas, com especialização em ensino de Educação Moral e Religiosa Católica no Ensino Básico e Secundário.

Nem tudo pode ser ilustrado numa Dissertação desta natureza. Contudo, espero conseguir demonstrar o meu esforço na procura do progresso na minha qualificação para a excelência e no desenvolvimento de competências para o aperfeiçoamento do ensino de EMRC.

Estou ciente que este é um trabalho que não acaba e que não foi fácil delinear um caminho, pois à medida que ía avançando, outros se apresentavam. Assim, tenho a consciência da complexidade deste trabalho e que o resultado apresentado é apenas uma interpretação, um caminho realizável e com várias possibilidades de exploração que tendem à dispersão. Com efeito, tive a tendência de me distender para outras opções e o delinear um caminho, dispensei-me energias e obrigou-me a escolhas.

Após a fase de estabilização do tema e do objectivo, parti para a realização desta Dissertação, dividindo-a em três capítulos, que, em seguida, apresentarei.

No primeiro capítulo farei uma análise filosófico-teológica. No estudo filosófico apresentarei uma abordagem histórica e cultural do termo *pão* em culturas e civilizações mediterrânicas como o Egipto, Grécia, Roma e a judaico-cristã e mencionando que o pão ocupa um lugar de excelência na alimentação humana, pois foi descoberta a presença de cereais na localização da génese do ser humano, e é, simultaneamente, uma referência espiritual em muitas religiões, assumindo carácter religioso, tornando-se, assim, no alimento com maior simbolismo.

Assim, *pão* não é somente alimento básico, vital e diário, mas foi apropriado, transformando-se em alimento espiritual, do qual a humanidade subsiste e que deve ser repartido.

Na abordagem teológica analisarei a perícopes Jo 6, 1-15. Farei uso da análise sócio-histórico-cultural para a interpretação bíblica, por me parecer ser um método que ajuda a contextualizar o texto para melhor interpretá-lo hoje e analisarei os gestos de Jesus, já que eles são o elã de toda esta perícopes, pois Jesus apercebe-se da multidão, acolhe-a e manda-a sentar-se; toma o alimento, bendi-lo, distribui-o e manda recolher as sobras; a multidão ao ver tal sinal, quer entronizá-lo, mas Ele vai para a montanha, sozinho.

Procurarei encerrar este primeiro capítulo, questionando sobre a possibilidade da multiplicação dos pães e dos peixes, actualmente, atendendo ao significado real e simbólico do pão e tendo em conta os gestos de Jesus.

Para a abordagem deste capítulo, recorrerei a vários biblistas, devidamente identificados.

No segundo capítulo analisarei pedagógica e didacticamente a Unidade Lectiva 4 “O Pão de Cada Dia” direccionada ao Sexto Ano do Ensino Básico. Farei a apresentação da mesma, a sua análise, reflexão e a respectiva sugestão ou reconstrução didáctica.

No capítulo terceiro farei uma caracterização da Turma: dados, sua leitura crítica e relações pedagógico-didácticas para a disciplina de EMRC. Abordarei a experiência e as aprendizagens na Escola EB 2/3 Sophia de Mello Breyner e, no término, reflectirei sobre como ser professor de EMRC, nos dias de hoje.

Para a elaboração desta dissertação, foram uma mais-valia as experiências conseguidas ao longo do ano lectivo nas sessões de acompanhamento prático por parte do Orientador de Escola, nas aulas e sessões de Seminário frequentadas na Faculdade, respectivos apontamentos pessoais, tal como a partilha e entre-ajuda realizada com os colegas de Estágio e de Curso.

Para aprofundar e complementar melhor o estudo, requeri bibliografia à Biblioteca da Universidade Católica Portuguesa, Pólo da Foz, à Biblioteca Escolar do Agrupamento de Escolas de Argoncilhe, à Biblioteca da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, à Biblioteca da Universidade de Coimbra, à Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e à pesquisa na Internet.

As traduções apresentadas são realizadas por mim, podendo, por isso, serem passíveis de incorrecções, imprecisões ou outras interpretações.

As citações bíblicas, tal como a perícopre apresentada, são retiradas da Bíblia de Jerusalém.

I – Análise filosófica e teológica

1.1 Análise filosófica

O pão é um alimento essencial que ocupa um lugar de excelência na alimentação mundial e, mais ainda, é uma referência espiritual em muitas religiões, tomando carácter religioso, tornando-se, assim, no alimento com maior simbolismo no mundo.

O pão acompanha o nosso dia-a-dia e está na base da sobrevivência da humanidade, uma vez que a descoberta de vestígios da presença de cereais está na localização da génese do ser humano. Conhece-se já a sua utilização na alimentação no Neolítico e o Livro do Génesis faz referência a ele: “*Com o suor do teu rosto comerás teu pão*” (Gen 3, 19).

O Homem, com o progresso gradual de caçador a agricultor, de nómada a sedentário, verificou que o pão, nas suas mais variadas formas e composição, se tornou o alimento básico da sua subsistência e catalisador de vários planos: agrícola, social, económico, político e religioso.

Ao olharmos para a alimentação dos povos mediterrânicos verificamos isso mesmo. A civilização egípcia desenvolveu-se nas margens do rio Nilo, pois este dota o Egipto das melhores condições para o cultivo dos cereais, mas um conhecimento profundo do Nilo – exactidão no calendário da progressão, das inundações e da regressão das águas, que deixavam uma lama, funcionando como adubo – favorecia as melhores condições para a agricultura¹ e, conseqüentemente, para o cultivo dos cereais.

Mas a grande inovação dos Egípcios para a história do pão está ligada à utilização do forno². Enquanto que, até aqui, outros povos coziam os grãos em caldos ou tostavam-nos no fogo ou em pedras aquecidas, o povo do Egipto descobriu que se o grão moído ficasse algum tempo num espaço quente formava uma espécie de levedura que aplicada novamente a essa farinha a fazia crescer, tornando-a fofa e bastante agradável ao paladar. «*Esta descoberta foi por acaso: alguém deixou um pedaço de massa, esquecido. No dia seguinte, a massa tinha aumentado de volume e tinha desenvolvido um aroma e sabor acres mas agradáveis. Misturado esse resto de massa à massa nova e deixando esta*

¹ Cf. PEREIRA-MÜLLER, M. Margarida – *Pão feito em casa*. Feitoria dos livros, 2011, pág. 9.

² Cf. PEREIRA-MÜLLER – *Pão feito em casa*, pág. 10.

*esperar um tempo antes de ser cozida, o pão não só ficava mais fofo como também mais saboroso»*³. Por oposição a este pão fermentado, havia o pão ázimo ou não fermentado que era usado nas celebrações religiosas⁴.

A partir do domínio do armazenamento e das técnicas de confecção e cozedura, o pão no Egipto tornou-se o alimento principal da refeição e merecedor de respeito: comiam os legumes, o peixe ou a carne dentro do pão e recusar um pão a um pobre era visto como pecado. Chegou-se a pagar o salário dos trabalhadores com pão. Os historiadores gregos chegaram a chamar aos egípcios “*comedores de pão*”⁵.

Mas quem desdenha, quer comprar, os gregos importaram a técnica de se fazer pão do Egipto e melhoraram a fórmula, adicionando-lhes fermento e «*outros ingredientes (leite, gordura, mel e especiarias)*. *Estes melhoramentos deram aos gregos uma reputação de excelentes padeiros»*⁶. Nos séculos V-IV a. C. os gregos eram exímios na arte do pão e tinham mais de setenta variedades. Também era usado como medicamento⁷.

Como a Grécia não era dotada das mesmas particularidades naturais do Egipto e bastante longe de reunir as condições necessárias para uma agricultura satisfatória, apesar do clima ser «*ameno e favorável à agricultura, a verdade é que os terrenos eram maus [...], cobertos por uma fina camada de húmus pobre em argila [...] demasiado fina para reter a água»*⁸, Sólon, no século IV, adoptou várias posturas: aos agricultores perdoou-lhes as dívidas; passaram a ver o indivíduo que trabalhasse as terras como um sacerdote; o trabalho que até então era visto como vergonhoso, por tornar o homem escravo do esforço e do suor, passou a enobrecer quem o praticava; e virou-se para o mar, para as transações comerciais, para poder importar o cereal que fazia falta à sua população⁹. Por isso, os gregos celebram as colheitas em nome de Deméter, deusa da agricultura¹⁰.

³ PEREIRA-MÜLLER – *Pão feito em casa*, pág. 9-10.

⁴ Cf. BUENO SÁNCHEZ, Manuel; BUENO LOZANO, Manuel – *Aceite, pan y vino. La trilogía de la dieta mediterránea*. Madrid: Ilusbooks, 2015, pág. 87.

⁵ Cf. JACOB, H. E. – *6000 anos de pão*. Lisboa: Antígona, 2003, pág. 30-32.

⁶ PEREIRA-MÜLLER – *Pão feito em casa*, pág. 10.

⁷ Cf. BUENO SÁNCHEZ, Manuel; BUENO LOZANO, Manuel – *Aceite, pan y vino*, pág. 87-88.

⁸ JACOB, H. E. – *6000 anos de pão*, pág. 33.

⁹ Cf. JACOB, H. E. – *6000 anos de pão*, pág. 34-36.

¹⁰ Cf. BUENO SÁNCHEZ, Manuel; BUENO LOZANO, Manuel – *Aceite, pan y vino*, pág. 87.

Já Roma politizou a questão do pão, pois, apesar de ter desenvolvido moínhos mecânicos (de vento e de água) em detrimento dos habituais¹¹, hierarquizou a necessidade e a importância das conquistas de determinadas zonas geográficas. Como o solo em Roma já estava demasiadamente sobrelotado, quer pela agricultura, quer pelos grandes centros populacionais, e não sendo capaz de produzir o suficiente para essa mesma população, os romanos tiveram que partir à conquista de territórios vizinhos. Prova disso são as conquistas, quer no Norte de África onde construíram vastos terrenos para a agricultura e fundaram várias cidades para a fixação da população e assim satisfazer a carência de pão em Roma, quer para a Hispânia. Graças a esta sua política de conquista e de expansão, os cereais foram introduzidos em Portugal, tornando-nos no celeiro de Roma, quando ainda só existíamos como Lusitânia¹². Em Roma quem confeccionava o pão eram homens, mas em Portugal eram as mulheres, sendo uma delas famosa: D. Brites, a “padeira de Aljubarrota”.

O pão teve uma notável influência na Medicina. Galeno na sua “De sanitate tuenda” escreve que tipo de pão os idosos deveriam comer¹³.

Como vimos atrás, os Gregos festejavam Deméter, mas os romanos celebravam Ceres, deusa da agricultura, das colheitas e da fecundidade. O seu festival era a *Cereália* ou *Ludi Ceriales* (“jogos de Ceres”). Em português, *cereal* deriva do nome desta deusa.

O que produz abundância pode produzir a ruína e foi precisamente isso que se passou com Roma: perto de 50 a.C. metade do solo arável do Norte de África estava nas mãos de apenas seis famílias romanas e só cerca de dois mil camponeses cultivavam a seu próprio terreno¹⁴. «A partir de dada altura os camponeses tinham passado à condição de arrendatários nas suas antigas terras. Os pequenos arrendatários eram explorados pelos maiores e os grandes arrendatários prestavam contas a algum senador romano, quando não ao milionário que se encontrava à cabeça do Estado, o próprio Imperador». ¹⁵ Entre outras, esta situação levou ao desencanto, revolta e declínio do Império Romano. Em

¹¹ Cf. PEREIRA-MÜLLER – *Pão feito em casa*, pág. 11.

¹² Cf. PEREIRA-MÜLLER – *Pão feito em casa*, pág. 13.

¹³ Cf. BUENO SÁNCHEZ, Manuel; BUENO LOZANO, Manuel – *Aceite, pan y vino*, pág. 88.

¹⁴ Cf. JACOB, H. E. – *6000 anos de pão*, pág. 39.

¹⁵ JACOB, H. E. – *6000 anos de pão*, pág. 40.

linguagem actual, Roma não deu a devida importância aos pequenos e médios proprietários.

Uma cultura que viveu momentos de repressão e anexação por vários povos foi a judaico-cristã. Convivia com as regiões periféricas e, por isso, não estava intocada pela influência estrangeira e a cultura greco-romana influenciava muitas esferas da sua vida.

A região onde se inseria a cultura judaico-cristã era pobre. O comércio interno, pouco conhecido, consistia nas trocas directas locais e, sobretudo, visava o abastecimento das grandes cidades. Quanto ao externo, importavam produtos de luxo, consumidos pelas elites e pelo Templo. Por outro lado, exportavam alimentos – frutas, óleo, vinho, peixes – e manufacturas, como os perfumes. Como nos informa Joaquim Jeremias, *«a profissão de comerciante sempre foi muito valorizada na Palestina do tempo de Jesus. A principal actividade económica da região, contudo, era a agricultura. Plantava-se trigo, cevada, figo, azeitonas, uvas, tâmaras, romãs, maçãs, nozes, lentilhas, ervilhas, alface, chicória, agrião, etc»*¹⁶. As actividades de pesca, pecuária e exploração florestal também não podem ser esquecidas, devido à sua grande importância económica.

A sua localização geográfica favorecia as rotas comerciais, quer terrestres, quer marítimas, entre o Ocidente, Médio Oriente e Norte de África. Era em torno de Jerusalém que se desenvolviam as transacções comerciais devido à sua posição de capital política e religiosa, o que atraía para si a aristocracia sacerdotal e a nobreza, fontes de grandes recursos financeiros.

Mas apesar de todo este comércio e esplendor, o calor, seca e poucos recursos hídricos¹⁷, levavam a que as pessoas fossem pobres e o pão era muitas vezes o único alimento que se comia. A oração do Pai-Nosso resume bem no “*pão nosso*” todos os alimentos necessários para a sobrevivência humana¹⁸ e que são dom de Deus, símbolo de comunhão com o divino. Tal simbólica foi adoptada por Jesus para se tornar presente na Eucaristia. Assim, não é somente do pão que alimenta o corpo, mas também do Pão que alimenta o espírito que a Humanidade subsiste (“*nem só de pão vive o homem, mas de toda*

¹⁶ JEREMIAS, Joaquim – *Jerusalém no Tempo de Jesus: Pesquisas de história económico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulinas, 1983.

¹⁷ Cf. TUYA, Manuel – *Introducción a la Biblia*. Madrid: La Editorial Católica, 1967, pág. 584-587.

¹⁸ Cf. COENEN, L., BEYREUTHER, E. e BIETENHARD, H. – *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*. Vol. III. Salamanca: Ediciones Sígueme, pág. 282.

a palavra que vem da boca de Deus” – Mt 4, 4). Deste modo, o pão não é apenas alimento básico, diário e vital, mas é sinal de comunhão, fraternidade, de partilha, de vida. Por exemplo, se formos buscar a etimologia das palavras *companhia*, *companheiro*, *acampamento*, apercebemo-nos da sua identidade mais profunda: o *com-panis*, o comer o mesmo pão¹⁹. Na linguagem bíblica, o pão também deve ser entendido dentro desta lógica, como alimento que se destina a ser repartido²⁰, implicando deste modo reunião (re-união), comunhão (comum união) e intimidade. Em direcção contrária, a ausência de pão acaba por significar, exactamente, a separação e o conflito, conforme o ditado popular: “Casa onde não há pão, todos ralham sem razão”.

1.2. Análise teológica

1.2.1 Apresentação, aprofundamento e reflexão da perícopa Jo 6, 1-15

1.2.1.1 Apresentação

Multiplicação dos pães e dos peixes (Mt 14,13-21; Mc 6,30-44; Lc 9,10-17)

¹*Depois disto, Jesus foi para a outra margem do lago da Galileia, ou de Tiberíades.* ²*Seguia-o uma grande multidão, porque presenciava os sinais miraculosos que realizava em favor dos doentes.* ³*Jesus subiu ao monte e sentou-se ali com os seus discípulos.*

⁴*Estava a aproximar-se a Páscoa, a festa dos judeus.* ⁵*Erguendo o olhar e reparando que uma grande multidão viera ter com Ele, Jesus disse então a Filipe: «Onde havemos de comprar pão para esta gente comer?»* ⁶*Dizia isto para o pôr à prova, pois Ele bem sabia o que ia fazer. Filipe respondeu-lhe:* ⁷*«Duzentos denários de pão não chegam para cada um comer um bocadinho.»* ⁸*Disse-lhe um dos seus discípulos, André, irmão de Simão*

¹⁹ Cf. MENDONÇA, José Tolentino – *Pai-Nosso que estais na Terra. O Pai-nosso aberto a crentes e a não-crentes*. Prior Velho: Paulinas, 2011, pág. 102.

²⁰ Cf. SESBOÛÉ, Daniel – *Pan*. In LÉON-DUFOUR, Xavier (dir.) – *Vocabulário de Teología Bíblica*. Barcelona: Editorial Herder, 1965, pág. 566-567.

Pedro: ⁹«Há aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?» ¹⁰Jesus disse: «Fazei sentar as pessoas.» Ora, havia muita erva no local. Os homens sentaram-se, pois, em número de uns cinco mil. ¹¹Então, Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os pelos que estavam sentados, tal como os peixes, e eles comeram quanto quiseram. ¹²Quando se saciaram, disse aos seus discípulos: «Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca». ¹³Recolheram-nos, então, e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada que sobejaram aos que tinham estado a comer. ¹⁴Aquela gente, ao ver o sinal milagroso que Jesus tinha feito, dizia: «Este é realmente o Profeta que devia vir ao mundo!» ¹⁵Por isso, Jesus, sabendo que viriam arrebatá-lo para o fazerem rei, retirou-se de novo, sozinho, para o monte.

1.2.1.2 Aprofundamento

- Pretexto e lugar

Depois do discurso que fez na Piscina de Betesda, onde curou um enfermo, Jesus foi para a outra margem do lago da Galileia (v.2) e subiu ao monte com os seus discípulos (v.3).

A sua pregação, atitude e sinais causavam polémicas, suspeitas e divisões entre os seus contemporâneos²¹: uns crêem e seguem-n’O; outros têm dúvidas em segui-l’O, mas a grande maioria rejeita-O, excluindo a Galileia, que era como um refúgio²², um lugar calmo e de descanso.

Esta subida recorda a de Moisés no Sinai, recebendo as tábuas da Promessa da Aliança (Ex 19, 3), local onde se revela a presença de Deus²³.

²¹ Cf. PINHO, Arnaldo – *Jesus Cristo: Quem é?* Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003, pág. 54-57.

²² Cf. ROSAS, Ricardo López; RICHARD, Pablo – *Evangelio y Apocalipsis de san Juan*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2006, pág. 137.

²³ AA.VV. – *A Eucaristia na Bíblia*. 2.^a Edição. Lisboa: Difusora Bíblia, 2000, Coleção Cadernos Bíblicos, n.º 19, pág. 60.

- tempo

O evangelista faz referência à proximidade da Páscoa dos Judeus (v.4), sublinhada com a referência à muita erva (v.10). «*Estamos na Primavera; por isso, há erva abundante naquele lugar. Mas esta envolvência pascal é mais que uma indicação cronológica: é uma alusão à Páscoa nova, em que Jesus ía ser sacrificado como o novo cordeiro pascal. Deste modo, sua carne sacrificada será a comida da nova Páscoa cristã*».²⁴ É, também, «*um convite do evangelista a ler a multiplicação dos pães na perspectiva da grande Páscoa hebraica, a festa que celebra a libertação de Israel da escravidão do Egipto*».²⁵

- acomodação

O sentar-se (v.3), para além de ser sinal de descanso, é-o também de igualdade, onde não há pessoas privilegiadas nem pessoas menos importantes. Aqui, Jesus «*olha sempre para o outro como próximo, coloca-o sempre à Sua estatura, remetendo-o não a Si mas ao Pai que olha para cada um pelo que é e por aquilo que cada um é. Desta forma, o próximo é aproximado à humanidade de si mesmo e ao transcendente*»²⁶.

- o milagre

Seguia-O uma grande multidão (v. 2), como ovelhas sem pastor, e que vai ao encontro de quem lhes proporcione algo mais do que um dia normal. Por isso O seguem e O procuram, esteja Ele onde estiver, mesmo no deserto, porque presenciavam os sinais miraculosos que realizava em favor dos doentes (v. 2). Seguem-n'O por sentirem a solidão da própria vida²⁷. Por isso, Jesus sente compaixão pela multidão, pois esta sente-se como ovelhas sem pastor. Deste modo, coloca a questão a Filipe: «*Onde havemos de comprar pão para esta gente comer?*» (v. 5), mas tanto este como André não responderam como o mestre desejava. Filipe reage a partir dos factos visíveis, palpáveis e não consegue ir mais além do que vê e fica perturbado com a questão. Constata o problema e reconhece a sua

²⁴ CABALLERO, Basilio – *La palabra cada día. Comentario y oración*. 3.ª Edición. Madrid: San Pablo, 1990, pág. 194.

²⁵ ARMELLINI, Fernando – *O banquete da palavra: comentário às leituras dominicais do ano B*. Paulinas, 1996, pág. 347.

²⁶ CARVALHO, José Carlos – *Educação cristã: saudosismo, utopia ou futuro? Uma nota* (artigo para a Semana de Teologia de Braga). In *Revista Theologica*, 37 (2002), pág. 132-133.

²⁷ RAHNER, Karl – *Pregações bíblicas*. São Paulo: Editora Herder, 1968, pág. 71.

incapacidade para resolvê-lo, lança o alerta mas não apresenta respostas. Já André é mais de acção (vv. 8-9), talvez louco ou cheio de fé, e apresenta uma criança com cinco pães e dois peixes.

«Este pormenor é curioso: as crianças – como se sabe – são os primeiros a comer o que trazem; é, pois, improvável que, entre tanta gente, precisamente uma criança e só uma criança tenha poupado a merenda. Mas o valor simbólico deste detalhe é evidente: em muitas passagens do Evangelho, a criança é indicada como o modelo do discípulo. Assim, por exemplo, a quem entrar no reino dos céus, Jesus exige que se torne uma criança (Mc 10, 15). É claro o significado do episódio: o menino é o discípulo chamado a pôr à disposição dos irmãos tudo o que possui. Esta é a grande proposta! Basta que os homens abandonem o seu egoísmo e a sua ganância de possuir e de acumular para si e acolham a lógica do reino, a lógica da partilha, e o milagre pode repetir-se ainda hoje: haverá alimento em abundância para todos»²⁸.

Jesus não se intimida com as respostas dos seus discípulos nem com o número da multidão. Ele age, pois é de acção e já não é a primeira vez que dá ordens (por exemplo, Mt 8, 3; Mc 2, 11; Mc 9, 25), e ordena para que as pessoas se sentem, todos na mesma circunstância, sem pressa, com todo o tempo do mundo e não na condição de escravos, à pressa (Ex 12, 11)²⁹ e sem ordem de lugar e hoje, de modo original, na erva, em contraste com outrora, que foi em local deserto (Ex 16, 4-5.12-15; Sl 78, 24-30; Sab 16, 20-21)³⁰ ou em cima de pedras (Gn 31, 46). *«Sentar-se com os pecadores é o modo que Jesus encontra para partilhar a sua convicção de que as pessoas são mais importantes do que a lei»³¹. «É participando nas refeições e adoptando nelas atitudes pouco convencionais que Ele se define diante de Israel e dos seus discípulos: Ele é o “profeta” que suporta os pecadores à Sua mesa (Lc 7, 36-50) ou que aceita seu convite (Lc 5, 29-32; 19, 1-10); Ele dá em profusão o pão da Palavra àquele que quer recebê-lo (Mc 7, 35-44; 8, 1-10); é Ele o servo do qual todos devem aceitar os serviços, antes de O imitar (Jo 13, 2-15). [...] É no decurso de algumas refeições que Jesus se manifesta desta maneira, Ele que anuncia*

²⁸ ARMELLINI, Fernando – *O banquete da palavra: comentário às leituras dominicais do ano B*. Paulinas, 1996, pág. 350.

²⁹ Cf. CARVALHO, José Carlos – *Fontes bíblicas da eucaristia*. In Revista Theologica, 2.º Série, 43, 1, 2008, pág. 34.

³⁰ Cf. CARVALHO, José Carlos – *Fontes bíblicas da eucaristia*, pág. 18.

³¹ Cf. CARVALHO, José Carlos – *Fontes bíblicas da eucaristia*, pág. 38.

*finalmente a vinda dum dia em que os eleitos, instalados no Reino, exprimirão a sua comunhão “comendo o pão” (Lc 14, 15)».*³²

Depois de fazer sentar a multidão, toma os pães e os peixes, dá graças e distribuiu-os a todos, saciando-lhes a fome. Esta sua acção lembra a Ceia Pascal (Lc 9, 16; 22, 19)³³ – quer tomando e abençoando o pão, quer o vinho, símbolos do seu corpo e do seu sangue, oferecidos a toda a humanidade. Neste sinal da multiplicação dos pães – quando Jesus disse a bênção, partiu e os distribuiu pelos seus discípulos para alimentar a multidão – prefigura a superabundância deste pão único da Sua Eucaristia³⁴.

Pronunciou a bênção (v. 11): uniu-se a Deus de modo total, pois é essa a conotação fortíssima da bênção hebraica e bíblica. Tomou os pães e distribuiu-os (v.11). Partiu o pão e deu-o. Gesto soberano e inaugural de uma forma nova de viver³⁵.

Dar graças pela refeição que se toma é um rito judeu³⁶, com origem exodal, para agradecer e para não deixar cair no esquecimento o que Deus fez pelo seu Povo.

Depois da multidão saciada, Jesus, que presidia à mesa, mandou recolher as sobras. Os mestres de Israel defendiam a sobriedade, mas com Jesus comeram quanto quiseram e ainda sobrou, mas vai mais além: não permite que se percam as sobras. São Paulo segue a mesma linha: «*Pois tudo o que Deus criou é bom e nada deve ser rejeitado, quando tomado com acção de graças. Com efeito, tudo é santificado pela palavra de Deus e pela oração*» (1 Tm 4, 4-5)³⁷. Daí que se recolham as sobras para que nada se perca e se possa, então, partilhar com as pessoas necessitadas, à luz das primeiras comunidades cristãs, que faziam a distribuição dos bens³⁸.

³² AA.VV. – *A Eucaristia na Bíblia*, pág. 4.

³³ Cf. LANGNER, Córdula – *Evangelio de Lucas, Hechos de los Apostoles*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2008, pág. 142.

³⁴ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993, n.º 1335.

³⁵ Cf. COUTO, António – *Como uma Dádiva. Caminhos de Antropologia Bíblica*. 2.ª Edição. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005, pág. 266.

³⁶ Cf. LANGNER, Córdula – *Evangelio de Lucas, Hechos de los Apostoles*, pág. 401.

³⁷ *Didaché / doctrina apostolorum / epistola del Pseudo-Bernabé*. Edição de AYÁN CALVO, Juan José. Madrid, Ciudad Nueva, 1992, pág. 42.

³⁸ Cf. Act 2, 42 (ver especialmente a nota de rodapé 1); 4, 32-34.

Este respeito que as sobras recebem sublinha a qualidade misteriosa deste pão. Os restos deste contrapõem-se ao maná de Moisés (Ex 16, 18-20)³⁹, pois Jesus é o verdadeiro maná, superior ao primeiro.

- Os números

Acerca dos números, vejamos um quadro comparativo entre os quatro evangelhos e, depois, uma breve reflexão.

Cinco mil homens	Mt 14, 21	Mc 6, 44	Lc 9, 14	Jo 6, 10
Cinco pães e dois peixes	Mt 14, 18	Mc 6, 38	Lc 9, 13	Jo 6, 9
Sobraram doze cestos de pão				Jo 6, 13
Sobraram doze cestos de pão e peixe		Mc 6, 43		
Sobraram doze cestos cheios (sem referir se eram de pão ou de peixe)	Mt 14, 20		Lc 9, 17	

Pela análise do quadro, verifica-se que há unanimidade em relação aos números de homens, pães, peixes e cestos, embora neste último haja uma ligeira divergência em relação à designação concreta das sobras, embora insignificante.

Seriam doze cestos? O número doze poderá ser simbolismo da reunião das doze tribos de Israel, ou melhor, do Israel Escatológico⁴⁰, e também «*da plenitude transbordante e inesgotável*»⁴¹. Neste sentido, o que Jesus pretende com o seu gesto é que «*chegou o momento de fazer festa porque o reino, em que haverá abundância de pão para os pobres, já começou [...]. Até os doze cestos que sobraram sublinham esta abundância e são sinais dum alimento destinado a multiplicar-se, a nunca mais acabar*»⁴².

³⁹ ROSAS, Ricardo López; RICHARD, Pablo – *Evangelio y Apocalipsis de san Juan*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2006, pág. 139.

⁴⁰ ROSAS, Ricardo López; RICHARD, Pablo – *Evangelio y Apocalipsis de san Juan*, pág. 140.

⁴¹ COUTO, Dom António – *Quando Ele nos abre as escrituras. Domingo após Domingo. Uma leitura bíblica do Lecionário. Ano B*. Lisboa: Paulus Editora, 2014, pág. 237.

⁴² ARMELLINI, Fernando – *O banquete da palavra: comentário às leituras dominicais do ano B*. Paulinas, 1996, pág. 349.

- Tentativa de entronização

Este é realmente o Profeta que deveria vir ao mundo (vv. 14). Porque exclamaram isto? Porque interpretaram o sinal como a manifestação do profeta que lhes sacia a fome. Por isso, queriam proclamá-lo seu rei, pois nunca viram tais sinais: curar as enfermidades, ressuscitar os mortos e alimentar milhares de pessoas apenas com migalhas. Um obreiro assim, não se encontra todos os dias.

«Porque buscavam o pão da eternidade, Deus dá-lhes também o pão deste mundo. E, porque Ele lho dá, tornam a procurar o pão terreno e não a Deus. Querem transformar o seu Deus em rei desta vida. Ao se sentirem saciados, desejam mais pão material e, o que era visado, como suposição para a busca de Deus com calma e liberdade interior de espírito, transforma-se-lhes em tentação de ambicionar avidamente as alegrias terrenas, pervertendo até mesmo o dom de Deus»⁴³.

- Ida para outro lugar

A ânsia de o fazerem rei leva a que o encontro da multidão com Jesus seja um fracasso. Encontram-no fisicamente, mas perdem-no espiritualmente. Ele quer que o reconheçam como o “pão vivo descido do céu” (Jo 6, 51), mas apenas O vêem como resposta às suas necessidades, como rei, segundo a ideia messiânica tradicional de chefe do povo. Por isso, *«Jesus se retirou sozinho para um monte. O Deus que lhes oferecera também o pão material desaparece, afasta-se deles, por serem eles assim, por terem pervertido a dádiva divina, porque a fome saciada lhes aguçou ainda o apetite pelas coisas desta terra»⁴⁴.*

Se ficasse ali com a multidão, ficava apenas algum tempo. Não ficava, portanto. O modo divino, excessivo, de ficar é dar-Se. Mas dar-se não é ficar retido. Para ficar connosco, Jesus deu-se a nós. E dando-se a nós, derramando-se em dádiva pessoal, dando por nós a vida toda, não pode estar mais ali. Desaparece naturalmente mas fica mais presente do que nunca na nossa vida, pois se dar reclama a realidade do

⁴³ RAHNER, Karl – *Pregações bíblicas*, pág. 72.

⁴⁴ RAHNER, Karl – *Pregações bíblicas*, pág. 72.

dom, dar-se reclama a presença do doador, presença não apenas real, mas íntima e de amor⁴⁵.

1.2.1.3 Reflexão

Será possível, hoje, a multiplicação do *pão*?

Atendendo ao significado real e simbólico do pão e se tivermos em conta as atitudes de Jesus na perícopre atrás apresentada, acredito na multiplicação do *pão* actualmente.

Para isso, ter-se-á que se realizar o milagre do amor, ou seja, a fé e o amor cristão terão que passar da eucaristia – onde Jesus se apropria do *pão* como alimento espiritual (Jo 6, 35) e que se multiplica em cada celebração da *fracção do pão* (Lc 22, 19) para saciar a fome da comunidade eclesial e de todo o Homem –, para a vivência do dia-a-dia: no trabalho, na família, no círculo de amigos, na comunidade... para ser, de verdade, fé e amor em acção, ou seja, perante a falta de *pão*, sairmos do nosso conforto e tomarmos as atitudes de Jesus: aperceber, ver, ter compaixão, procurar soluções, dar-se, servir e servir-se a quem está faminto. Apropriando-me das palavras de Bento XVI, «*Jesus não nos pede aquilo de que não dispomos, mas faz-nos ver que se cada um oferecer o pouco que tiver, pode realizar-se sempre de novo o milagre: Deus é capaz de multiplicar o nosso pequeno gesto de amor e tornar-nos partícipes do seu dom*»⁴⁶.

A exemplo de Jesus, devemos estar atentos às necessidades das pessoas que nos rodeiam (o nosso próximo, à imagem da parábola do bom samaritano – Lc 10, 29-37) partilhar o que se tem, mesmo que seja pouco, pois poderá ser muito para quem nada tem.

A partilha implica sair do conforto da casa, do dar, para o ir e dar-se. A isto chama-se dádiva total, pois já não é só partilhar o que se tem, o que sobra ou até o que se compra para dar, mas já é uma dádiva de si mesmo, é um dar tudo, dar-se todo, dar-se sem nenhuma reserva, sem nada a que recorrer amanhã. Por outras palavras, não é

⁴⁵ Cf. COUTO, António - *Como uma Dádiva. Caminhos de Antropologia Bíblica*. 2.^a Edição. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005, pág. 267.

⁴⁶ Bento XVI, Oração do Angelus de 29 de Julho de 2012. In http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2012/documents/hf_ben-xvi_ang_20120729.html (acedido a 2015.07.24).

retendo, amalhando, «segurando» a vida, que se fica; é dando a vida, que se fica, segundo o critério paradoxal de Jesus e do Evangelho: «Aquele que procurar ganhar a sua vida, perdê-la-à; e aquele que a perder conservá-la-à» (Lc 17,33)⁴⁷. Assim, a nós compete-nos comungar, isto é, implicarmo-nos nessa maneira nova e bela de viver⁴⁸.

⁴⁷ Cf. COUTO, António - *Como uma Dádiva*, pág. 266.

⁴⁸ Cf. COUTO, António - *Como uma Dádiva*, pág. 267.

II – Análise pedagógica e didáctica

1. Apresentação da Unidade Lectiva

O pão de cada dia⁴⁹

6.º ano — Unidade Lectiva 4

Competências Específicas:

1. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.
5. Interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos.
6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.
8. Relacionar o fundamento religioso da moral cristã com os princípios, valores e orientações para o agir humano, propostos pela Igreja.
9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como factor de enriquecimento mútuo.
14. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Cristianismo, particularmente do Catolicismo.
22. Usar a Bíblia a partir do conhecimento da sua estrutura.
23. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.
24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.
25. Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.
26. Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>
-------------------------------------------	------------------

⁴⁹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, pág. 88-89.

<p>1. Interpretar produções culturais que reflectam sobre a justiça vs injustiça na distribuição dos bens. (Comp. 5)</p> <p>2. Interpretar criticamente factos sociais, à luz do reconhecimento da dignidade de todos os seres humanos, nos quais esteja patente a injusta distribuição dos bens de primeira necessidade. (Comp. 1 e 6)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A alimentação, a fome, a subnutrição, a pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade...
<p>3. Organizar um universo de valores fundado no respeito pela dignidade de todos os seres humanos e na justiça social. (Comp. 1 e 9)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuição do alimento pela população mundial • Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome (Caritas, FAO, Banco Alimentar Contra a Fome...)
<p>4. Mobilizar os valores da dignidade de todas as pessoas, da solidariedade e da cooperação com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistência. (Comp. 1, 9, 10 e 12)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Solidariedade e voluntariado
<p>5. Consultar a Bíblia, mobilizando conhecimentos sobre a estrutura do Novo Testamento, bem como outros conhecimentos necessários já explorados em anos anteriores. (Comp. 22)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As divisões do NT <ul style="list-style-type: none"> ➢ Evangelhos ➢ Actos dos Apóstolos ➢ Cartas ou Epístolas ➢ Apocalipse
<p>6. Interpretar textos bíblicos sobre a relação do ser humano com os bens materiais, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana. (Comp. 9, 14, 23 e 24)</p> <p>7. Relacionar a identificação de Cristo com os mais necessitados com o fundamento do agir cristão. (Comp. 8, 9 e 14)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A necessária distribuição justa da riqueza: Tg 5,1-6; 1Jo 3,17-18 • O julgamento final: as obras de promoção humana: Mt 25,31-45 • Parábola do rico insensato: Lc 12,13-21
<p>8. Interpretar produções culturais de diferentes origens sobre o significado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O significado simbólico-religioso do alimento

simbólico-religioso do alimento. (Comp. 5)	
9. Interpretar e apreciar produções estéticas sobre a Última Ceia, identificando o seu significado essencial para a mensagem cristã. (Comp. 14, 25 e 26)	<ul style="list-style-type: none"> • A Última Ceia como representação da entrega de Jesus por amor • Ser pão para os outros: a doação de si mesmo

Sugestão de interdisciplinaridade:

Ciências da Natureza — *Trocas nutricionais entre o organismo e o meio.*

Educação Visual e Tecnológica — *A alimentação.*

2. Análise, reflexão e sugestão à UL

Neste ponto, utilizarei, em primeiro lugar, a estrutura original e depois explanarei uma análise, uma reflexão e uma sugestão. Fá-los-ei a partir de cada *Conteúdo* e respectiva *Operacionalização das Competências*.

A)

apresentação

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Interpretar produções culturais que reflectam sobre a justiça vs injustiça na distribuição dos bens. (Comp. 5) 2. Interpretar criticamente factos sociais, à luz do reconhecimento da dignidade de todos os seres humanos, nos quais esteja patente a injusta distribuição dos bens de primeira necessidade. (Comp. 1 e 6) 	<ul style="list-style-type: none"> • A alimentação, a fome, a subnutrição, a pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade...

reflexão

A *Operacionalização de Competências* dois, nesta idade, parece-me pertinente, nestes últimos anos devido à crise que está a assolar todo o mundo, pois provoca os jovens a reflectir no que lhes é dado, no que possuem e a dar-lhes mais valor e atenção. Também os desafia a estarem mais atentos aos sacrifícios que os pais fazem para que nada lhes falte, quando, por vezes, falta aos próprios pais o essencial.

Na *Operacionalização de Competências* um, haverá “distribuição injusta dos bens de primeira necessidade” ou os bens estão distribuídos mediante a situação económica, social, recursos agrícolas, hídricos... de uma certa e determinada região, país ou continente? Nestes últimos meses temos ouvido falar muito nos Meios de Comunicação Social que a crise é maior nos denominados “países periféricos” da Europa. Porquê? Porque estão mais longe dos centros de decisão ou porque estão mais longe dos centros de produção e de investigação? Sabemos que os países periféricos têm mais dificuldades económicas, mas nesta circunstância será justo falar de “distribuição injusta de bens de primeira necessidade”? Julgo que não, mas tratar-se-á, sim, de “distribuição desequilibrada dos bens de primeira necessidade”. Ou, por “distribuição injusta de bens de primeira necessidade” o *Programa* se refere a situações como o desemprego prolongado, precaridade de trabalho, doença, falta de recursos económicos, escassez de alimentos e de água potável... que impossibilita as pessoas menos capazes do acesso aos bens de primeira necessidade? É uma questão que deixo no ar...

Em vez de “distribuição injusta”, proponho distribuição desequilibrada dos bens de primeira necessidade.

Fala-se muito do Estado Social. Será que o Estado, na sua orgânica, competência e na sua operacionalidade, vê as pessoas como um número, como *homo economicus* ou *homo numerus* e se esquece que as pessoas são seres morais, sociais e com necessidades biológicas? Penso que o Estado deveria ler com muita atenção a Carta Encíclica *Populorum Progressio* de Sua Santidade Papa Paulo VI, escrita a 26 de Março de 1967 aos Bispos, Sacerdotes, Religiosos, Fiéis e a todos os homens de boa vontade sobre o desenvolvimento dos povos.

Felizmente, há campanhas e organizações que não estão sob a tutela do Estado que vão suprimindo as necessidades das pessoas e não as vêm apenas sob um prisma, mas na sua globalidade.

sugestão

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>
1. Interpretar produções culturais que reflectam sobre a desequilibrada distribuição dos bens. (Comp. 5) 2. Interpretar criticamente factos sociais, à luz do reconhecimento da dignidade do ser humano, nos quais estejam patentes uma desequilibrada distribuição dos bens de primeira necessidade. (Comp. 1 e 6)	<ul style="list-style-type: none"> • A alimentação, a fome, a subnutrição, a sobrenutrição, a pobreza, a distribuição desequilibrada dos bens de primeira necessidade...

B)

apresentação

3. Organizar um universo de valores fundado no respeito pela dignidade de todos os seres humanos e na justiça social. (Comp. 1 e 9)	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuição do alimento pela população mundial • Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome (Caritas, FAO, Banco Alimentar Contra a Fome...)
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

reflexão

“Organizar um universo de valores”... Valor não é um modo consciente de actuar, tanto individual como colectivamente? Mas olhando para os *Conteúdos* parece-me que a *Opercionalização* não alcance o que pretende, pois apenas apresenta instituições e não valores, ficando, assim, aquém do desejado.

sugestão

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>
3. Identificar um universo de instituições fundadas no respeito pela dignidade de todos os seres humanos e na justiça social. (Comp. 1 e 9)	<ul style="list-style-type: none">• A distribuição do alimento pela população

C)

apresentação

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>
4. Mobilizar os valores da dignidade de todas as pessoas, da solidariedade e da cooperação com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistência. (Comp. 1, 9, 10 e 12)	<ul style="list-style-type: none">• Solidariedade e voluntariado

reflexão

No que se refere à minha turma adstrita, não tive dúvidas de que este seria um conteúdo a não leccionar, pois dezoito dos dezanove alunos inscritos a EMRC participam ou participaram em acções de voluntariado.

Parece-me que este tema é um aprofundar e um recordar da Unidade Lectiva 5 – A Fraternidade – do Quinto Ano⁵⁰, o que poderá dispersar a atenção dos alunos. No entanto, numa outra turma de outra Escola, os alunos reavivaram a memória e partilharam o que tinham dado e realizado com o professor do ano anterior.

As *Competências Específicas* dez e doze desenvolvem nos discentes a Ética e a Moral indo ao encontro do domínio do Saber e do Saber Fazer, procurando capacitar os alunos para a autonomização no momento de eleger o valor moral mais urgente e

⁵⁰ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Caminhos de Encontro*. Manual do Aluno – EMRC – 5.º Ano do Ensino Básico. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2009, pág. 152-191.

operacionalizá-lo em situações concretas da vida, o que nestas idades, compreendidas entre os dez e os doze anos, se enquadra perfeitamente e é pertinente.

sugestão

A proposta apresentada pelo *Programa* parece-me que está bem incluída, não tendo, por isso, uma proposta mais profunda para apresentar.

D)

apresentação

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>
5. Consultar a Bíblia, mobilizando conhecimentos sobre a estrutura do Novo Testamento, bem como outros conhecimentos necessários já explorados em anos anteriores. (Comp. 22)	<ul style="list-style-type: none">• As divisões do NT<ul style="list-style-type: none">➢ Evangelhos➢ Actos dos Apóstolos➢ Cartas ou Epístolas➢ Apocalipse

reflexão

A *Competência Específica* vinte e dois é desenvolvida ao longo do Ensino Básico. No entanto, pela experiência que tenho no Primeiro Ciclo e pelas Escolas por onde tenho passado, maioritariamente na margem esquerda do rio Douro e todas no interior da Diocese, esta *Competência* não vem acrescentar conhecimento aos discentes do Sexto Ano, uma vez que a maioria frequenta a Catequese, embora se saiba que há alunos que frequentam EMRC e não Catequese e vice-versa, e ao longo do Primeiro Ciclo já se faz referência, leitura e interpretação de textos bíblicos. Assim, nesta altura, já os discentes sabem a organização interna da Bíblia (Saber) e já a sabem manusear (Saber-Fazer) pelo que me parece extemporânea a apresentação aqui do Novo Testamento. Aliás, quando na aula anterior se projecta o que se irá leccionar, a maioria dos alunos pergunta logo se é necessário trazer a Bíblia para a aula. A minha experiência diz que é bom que a tragam para se sentirem estimulados e integrantes no seu ensino-aprendizagem.

Embora não esteja a analisar a UL um – Viver juntos – do Quinto Ano de Escolaridade, não deixo de lhe fazer referência, uma vez que um dos seus conteúdos é a divisão do Antigo Testamento. Mais uma vez, pela experiência que tenho, é um conteúdo a leccionar, aprofundar e ir mais além do conteúdo proposto e acrescentar o Novo Testamento, uma vez que os discentes sabem partes da Bíblia, embora de forma não organizada.

Além disso, se analisarmos o DVD de apoio ao professor que se encontra conjuntamente com o Manual do Professor do Quinto Ano, um dos conteúdos do material de apoio é precisamente a divisão interna da Bíblia, no seu todo e não em partes.

sugestão

A minha sugestão passaria por, no Quinto Ano, na UL um – Viver juntos – fazer a apresentação da Bíblia de forma completa: o povo onde nasceu a Bíblia, origem do seu nome, onde foi escrita, em que línguas, quais os materiais utilizados para a escrita dos livros/rolos, a sua organização e divisão, como encontrar um texto e como citá-lo⁵¹.

Esta minha sugestão venho a concretizá-la nos discentes do Quinto Ano e estes têm reagido positivamente, uma vez que a maioria já sabe que a Bíblia se divide em Antigo e Novo Testamento e já expõem com um elevado grau de rectidão a constituição da Bíblia.

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>
5. Consultar a Bíblia, mobilizando conhecimentos sobre a sua estrutura, bem como outros conhecimentos já explorados em anos anteriores. (Comp. 22)	<ul style="list-style-type: none"> • As divisões do AT <ul style="list-style-type: none"> ➢ Pentateuco ➢ Livros Históricos ➢ Livros Sapienciais ➢ Livros Proféticos • As divisões do NT <ul style="list-style-type: none"> ➢ Evangelhos ➢ Actos dos Apóstolos ➢ Cartas ou Epístolas ➢ Apocalipse

⁵¹ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Caminhos de Encontro*, pág. 31-39.

E)

apresentação

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>
6. Interpretar textos bíblicos sobre a relação do ser humano com os bens materiais, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana. (Comp. 9, 14, 23 e 24)	<ul style="list-style-type: none">• A necessária distribuição justa da riqueza: Tg 5,1-6; 1Jo 3,17-18• O julgamento final: as obras de promoção humana: Mt 25,31-45• Parábola do rico insensato: Lc 12,13-21
7. Relacionar a identificação de Cristo com os mais necessitados com o fundamento do agir cristão. (Comp. 8, 9 e 14)	

reflexão

É positiva a interpretação de textos bíblicos sobre a relação do ser humano com os bens materiais e identificar Cristo com os mais necessitados de acordo com o agir cristão. No entanto, os conteúdos pecam, pois da forma como se apresentam ou são apresentados, não são conteúdos⁵², mas sim, recursos⁵³.

A leitura de Tg 5, 1-6 poderá ser de compreensão difícil para os discentes uma vez que utiliza metáforas. Em vez desta leitura, poder-se-á utilizar Tg 2, 15-16 ou Sir 29, 11-14, pois a linguagem utilizada nestas passagens é mais simples e acessível à compreensão vocabular do discente.

⁵² Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, pág. 16, diz que «conteúdos curriculares são entendidos como a base de conhecimentos e o conjunto de procedimentos que são requeridos aos alunos para que possam tornar-se competentes, capazes de fazer deles um uso inteligente de forma a poderem tornar-se cidadãos educados, e responder melhor a situações da vida e ao desafios do pensamento».

⁵³ «Graells (2000) considera recursos educativos quase tudo o que pode facilitar a aprendizagem, se for utilizado num contexto de formação específica ou seja, recursos educativos são todos os materiais que são usados de modo a facilitar os processos de ensino e de aprendizagem». In DOS SANTOS BOTAS, Dilaila Olívia – *A utilização dos materiais didáticos nas aulas de Matemática. Um estudo no 1º ciclo*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Ensino das Ciências – Especialidade em Ensino da Matemática pela Universidade Aberta, sob a orientação da Professora Doutora Darlinda Moreira, em 2008. Texto policopiado, pág. 25.

“*O julgamento final...*” parece uma linguagem apologética e faz lembrar o filme **2012** que retrata um cenário apocalíptico, de fim do mundo, quando, na realidade, o que se pretende com esta passagem é apenas demonstrar o que está certo ou errado, segundo a perspectiva cristã na relação com os mais necessitados.

Neste conteúdo, poderia ser apenas a segunda parte: “*as obras de promoção humana*” com uma leitura menos cataclítica e mais poética de Jb 31, 15-17.19-22⁵⁴, ou, então, Mt 25, 34-45, sem os três primeiros versículos propostos.

A passagem de Lc 12, 13-21 enquadra-se muito bem e vai de encontro ao texto escolhido de Sir 29, 11-14.

sugestão

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Recursos</i>
6. Interpretar textos bíblicos sobre a relação do ser humano com os bens materiais, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana. (Comp. 9, 14, 23 e 24)	<ul style="list-style-type: none"> • A necessária distribuição justa da riqueza 	<ul style="list-style-type: none"> • Tg 2, 15-16 • Sir 29, 11-14 • Lc 12, 13-21
7. Relacionar a identificação de Cristo com os mais necessitados e com o fundamento do agir cristão. (Comp. 8, 9 e 14)	<ul style="list-style-type: none"> • As obras de promoção humana 	<ul style="list-style-type: none"> • Mt 25, 34-45 • Jb 31, 15-17.19-22

⁵⁴ *Pois aquele que me criou no ventre, também o criou a ele, um só nos formou a ambos no seio materno. Se recusei aos pobres aquilo que pediam ou defraudei a esperança da viúva; se comi sozinho o meu pedaço de pão sem dar ao órfão a sua parte; se não fiz caso do miserável sem roupas, e do pobre que não tinha com que se cobrir; se não me ficaram agradecidos os seus membros, aquecidos com a lã das minhas ovelhas; se levantei a mão contra o órfão, por me ver apoiado pelo tribunal; que o meu ombro caia das minhas costas, e o meu braço seja separado do cotovelo!*

F)**apresentação**

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>
8. Interpretar produções culturais de diferentes origens sobre o significado simbólico-religioso do alimento. (Comp. 5)	<ul style="list-style-type: none"> • O significado simbólico-religioso do alimento

reflexão

Neste *Conteúdo*, o *Programa* apresenta a alimentação na cultura bíblica. Há que reconhecer que é um ponto positivo, tal como apresentar a simbologia do alimento noutras culturas ou mitologias, dando o exemplo da simbologia escandinava.

sugestão

Este *Conteúdo* está bem elaborado, segundo a minha óptica, pelo que não tenho sugestão a apresentar.

G)**apresentação**

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>
9. Interpretar e apreciar produções estéticas sobre a Última Ceia, identificando o seu significado essencial para a mensagem cristã. (Comp. 14, 25 e 26)	<ul style="list-style-type: none"> • A Última Ceia como representação da entrega de Jesus por amor • Ser pão para os outros: a doação de si mesmo

reflexão

Os *Conteúdos* apresentados referem-se à Eucaristia, o que, à primeira vista, parecem descabidos, uma vez que em EMRC poderá estar inscrito qualquer aluno de qualquer confissão religiosa e poderá entrar em conflito com a sua confissão religiosa ou

movimento religioso ou colocar em causa a legitimidade de EMRC como oferta obrigatória mas de inscrição facultativa no ensino público português. Descortinados, posteriormente e com mais reflexão, faz sentido a apresentação destes *conteúdos*, pois a disciplina de EMRC é de cariz católica. Logo, faz sentido fazer a apresentação da Eucaristia, segundo esta perspectiva, até porque vai de encontro com a simbologia judaico-cristã do alimento e é coerente com o *Programa* de EMRC do Sexto Ano.

H)

O Programa faz uma sugestão de interdisciplinaridade que apresento e à qual faço uma reflexão e uma proposta.

apresentação

Sugestão de interdisciplinaridade:

Ciências da Natureza — *Trocas nutricionais entre o organismo e o meio.*

Educação Visual e Tecnológica — *A alimentação.*

reflexão

A articulação interdisciplinar exige «*a resposta a questões directamente relacionadas com o seu campo de saber específico, mas também o restabelecimento de relações afectivas com os demais campos do saber*»⁵⁵, de modo a que os alunos consigam conectar os saberes entre si e, assim, ter uma visão o mais englobante possível da matéria leccionada.

Para que isto seja possível, terão que os docentes reunir e debater a matéria específica da sua disciplina e depois fazer uma planificação a longo prazo para assim se poder articular e apresentar o mesmo assunto ao mesmo tempo às várias disciplinas e daí resultar uma visão mais global da matéria, e não apenas a visão de um campo do saber.

⁵⁵ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007, pág. 22.

Assim, CN⁵⁶ apresenta o alimento de modo biológico, necessário para viver: o bom funcionamento do organismo, produção de energia, crescimento, compensar as perdas, em que alimento se encontram os diferentes nutrientes, qual a função de cada nutriente, tabela das vitaminas, roda dos alimentos, alimentação saudável e como fazer uma escolha adequada dos alimentos.

EVT⁵⁷ segue o esquema de CN, expondo o alimento de modo biológico, acrescentando dois temas:

- ↳ os cuidados a ter para quem trabalha com os alimentos;
- ↳ a cozinha regional.

EMRC⁵⁸, para além de apresentar o alimento enquanto biológico, vai mais longe, apresentando-o na perspectiva artística, cultural, social, religiosa e bíblica.

sugestão

A sugestão de interdisciplinaridade que vou apresentar, baseia-se em manuais adoptados no ano lectivo 2011/12, no Agrupamento de Escolas de Argoncilhe e consultados na Biblioteca Escolar do mesmo Agrupamento, podendo, por isso, noutros Agrupamentos ou Escolas, haver outras opções/adopções.

Além das disciplinas apresentadas pelo Programa de EMRC, acrescento:

- Matemática⁵⁹ – no estudo da Proporcionalidade directa (cap. 8), mormente na elaboração de escalas, percentagens e representação gráfica de percentagens e também na Estatística (cap. 9);
- Língua Portuguesa⁶⁰ – na leitura de alguns textos poder-se-á tirar apontamentos, não só biológicos, mas também morais/sociais, tais como *A cigarra e a formiga*, de Bocage e João de Deus (pág. 62); *A raposeta*, de

⁵⁶ Cf. PERALTA, Catarina Rosa; CALHAU, Maria Beza; SOUSA, Maria Fernanda de – *Páginas da Vida. Ciências da Natureza 6.º Ano [Guia do Professor]*. 1.ª Edição. Porto: Porto Editora, 2011, pág. 10-31.

⁵⁷ SEIXAS, António; GASPAR, Fernando; ANDRADE, Luísa – *Educação Visual e Tecnológica. Criar Inovar. Manual do 2.º Ciclo: 5.º e 6.º anos de escolaridade*. Didáctica Editora, pág. 117-124.

⁵⁸ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Nós e o Mundo*. Manual do aluno – EMRC – 6.º Ano do Ensino Básico. 1.ª ed.. Lisboa: Edições Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2009, pág. 138-179.

⁵⁹ ROLO, Alice Pinto; MONTEIRO, Sandra Carina – *Onda matemática*. Matemática 6.º Ano. 1.ª Edição. Livraria Arnado, 2001.

⁶⁰ AFONSO, Isilda Lourenço; PEREIRA, Nélson Rodrigues – *Palavras ao vento*. Língua Portuguesa / 6.º Ano. Vila Nova de Gaia: Gailivros, 2005.

Aquilino Ribeiro (pág. 118); *Filémon e Báucis*, de António Sérgio (pág. 137); *Hortas comunitárias*, publicado no Jornal Público, a 29 de Novembro de 2003 (pág. 190) e curiosidades gastronómicas, tais como *O Natal no país do “Sol nascente”*, de Tomana de Carvalho (pág. 75) e *O chá de Catarina*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (pág. 101);

- Inglês⁶¹ – na identificação das refeições, origem das mesmas, gostos gastronómicos (no “SET 2, Task B – nice food, great drinks!”) pág. 84-95), eleição de restaurantes que melhor satisfazem o nosso paladar e, daí, seleccionar a comida mais saudável; hábitos alimentares em diversos países “SET 4, Task B – Around the world”, pág. 126-137;
- Educação Física⁶² – a importância da alimentação equilibrada e da actividade física para a manutenção saudável do corpo;
- História e Geografia de Portugal⁶³ – sendo mais complicada, mas não impossível, a articulação com esta disciplina devido à leccionação cronológica, ou seja, segue-se o programa conforme as datas reais, não as intercalando, há temas que articulam com EMRC. Vejamos esses capítulos:
 - ↳ na parte 1, UL 3 – Portugal na segunda metade do séc. XIX –, especialmente sub-unidade 3.2 e 3.3 – mudanças no campo e mudanças na cidade – respectivamente (Cf. Pág. 78-113);
 - ↳ na parte 2, UL 7 – A população portuguesa no início do século XXI, UL 8 – Os lugares onde vivemos, UL 9 – As actividades económicas e UL 10 – Ocupação de tempos livres (cf. Pág. 64-121).

Para além dos aspectos morfo-sintácticos da elaboração de um texto, seja em verso, seja em prosa, oral ou por escrito, como em Língua Portuguesa; de cálculo, como em Matemática; do alimento de modo biológico, necessário para a sobrevivência do ser humano, a CN; alerta para os cuidados a ter para quem trabalha com os alimentos e

⁶¹ COSTA, Cristina; Teixeira, Isabel; MENEZES, Paula – *New Cool Kids*. Inglês 6.º Ano. Lisboa: Texto Editora, 2011.

⁶² COSTA, José David D. – *Jogo limpo*. Educação Física 5.º/6.º anos. Porto: Porto Editora, 2004.

⁶³ AMORIM, Ana; VARGAS, Beatriz; LOBATO, Maria João – *História e Geografia de Portugal*. 6.º Ano / 2.º Ciclo. Lisboa: Lisboa Editora, 2008. Nota: este manual é constituído por duas partes.

apresentação da cozinha regional, a EVT; a evolução da população portuguesa desde 1850 até hoje, com as suas actividades económicas e sociais, a HGP; a importância da alimentação equilibrada na manutenção do corpo e forma física, a Educação Física; e a identificação das refeições, gostos gastronómicos, alimentação saudável e hábitos alimentares em diversos países, a Inglês, a disciplina de EMRC pode fazer a diferença através de:

- valorizar a solidariedade das pessoas, procurando evidenciar a sua dinâmica cívica, com atenção prioritária às situações de especial sofrimento e vulnerabilidade humana;
- apelar à responsabilidade individual e colectiva na luta contra a pobreza e a exclusão social;
- educar para a prática de uma economia de solidariedade, de bem-comum;
- fazer a distinção entre o que é essencial e não essencial;
- mobilizar os valores da dignidade, da solidariedade, da cooperação e justiça social com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de sobrevivência;
- assumir que a pobreza é um problema de todos.

III. Experiência pessoal lectiva

1. Caracterização da Turma (dados, sua leitura crítica e ilações pedagógico-didáticas para a disciplina de EMRC)

A turma adstrita do 6.º E, tinha inscritos vinte e oito alunos, dos quais dezanove a EMRC.

Esta turma é constituída por doze meninas e dezasseis meninos. A EMRC são dez meninas e nove meninos.

Destes dezanove alunos inscritos a EMRC, os seus Encarregados de Educação são maioritariamente as mães, sendo só um pai o Encarregado de Educação.

Os alunos que apresentam melhores resultados escolares são oriundos de famílias com habilitações académicas mais elevadas: gerentes de bancos, de empresas e com cargos de relevo em empresas de renome nacional e internacional. No entanto, mais de metade dos pais dos alunos têm habilitações académicas acima do sexto ano.

A maioria dos alunos situa-se na faixa etária dos onze anos e são de nacionalidade portuguesa.

Dezasseis alunos são oriundos de famílias tradicionais, dois de famílias monoparentais e um de família reconstituída.

Dos dezanove alunos, três têm ambos progenitores desempregados e dois têm um dos progenitores desempregados.

A nível de actividades desportivas regulares, quatro alunos jogam Voleibol na Associação Académica de Espinho; três frequentam uma escola de Karaté, em Espinho; um joga futebol no Futebol Club do Porto; uma menina joga futsal no Restauradores Avintenses Futsal Feminino e três meninos jogam hóquei em patins na Associação Cultura e Recreio de Gulpilhares.

Os passatempos preferidos são: ver televisão, jogar videojogos nas mais diversas plataformas e consolas, conversação online com os amigos e ouvir música.

Dos dezanove alunos inscritos a EMRC, oito frequentam o Escutismo.

Em Dezembro, na altura da Campanha Alimentar Contra a Fome, dezoito alunos participaram na angariação de alimentos junto dos Hiper e Supermercados.

O aproveitamento é bom, mas o comportamento não é o melhor, mas com a aplicação de algumas medidas correctivas, como a mudança de disposição na sala de aula, o comportamento foi melhorando ao longo do ano, não sendo ainda o desejável, mas já é possível leccionar-se sem incidentes críticos.

A Directora de Turma informou-me que o comportamento apresentado em EMRC é igual em todas as aulas.

No segundo período, as planificações de EMRC passaram a incluir um Plano de Intervenção, pois no primeiro período houve aulas em que os alunos estavam distraídos, desconcentrados, conversadores, desrespeitadores e poucas vezes realizaram os Desafios da Semana⁶⁴. Estes Planos de Intervenção surtiram o efeito desejado, pois quando foram solicitados, a título facultativo, a realizarem uma peça para a II Mostra Multimédia “A EMRC já se vê... na beleza do diálogo”, dinamizada pelo Grupo Disciplinar de EMRC, houve oito alunos que participaram.

2. A experiência e as aprendizagens na Escola EB 2/3 Sophia de Mello Breyner

2.1 A experiência

Após a caracterização da Turma (dados, sua leitura crítica e ilações pedagógico-didácticas para a disciplina de EMRC), exponho, agora, a minha experiência que tive na Escola Sophia de Mello Breyner, em Arcozelo, com Segundo e Terceiro Ciclo, na turma adstrita do 6.º E.

⁶⁴ Utilizei a terminologia *Desafio da Semana* em vez de *Trabalho para Casa* para descarregar o peso de obrigatoriedade de realização do trabalho e de comparação com as outras disciplinas e os discentes assumirem que é um desafio que dura uma semana, assumindo mais um carácter lúdico do que académico.

Neste sentido, começarei por apresentar uma proposta de planificação a médio prazo da UL 4 e que ao longo da leccionação da UL, na planificação de aula a aula, sofreu algumas alterações.

Unidade Lectiva 4 – O pão de cada dia

Contextualização

Nesta Unidade Lectiva far-se-á a apresentação do tema e tentar-se-á orientar sempre as aulas, a partir da experiência que o aluno faz do pão de cada dia, enquanto alimento biológico, como símbolo e sinal da partilha e solidariedade, em geral, e, depois, na perspectiva cristã, apresentar Jesus como o “pão” para os outros, doando-se a si mesmo, e que se recebe na Eucaristia – alimento espiritual.

Para isso, apresentar-se-á a importância da alimentação, partindo da aprendizagem do aluno na disciplina de Ciências da Natureza sobre a alimentação saudável, explorando imagens sobre a subnutrição e a sobrenutrição e razões que levarão a uma e a outra e tentar encontrar soluções, tanto para uma como para outra, para se manter um equilíbrio ou minorizar situações que possam colocar em causa a dignidade da pessoa.

Como nem sempre as pessoas lutam pelo bem comum, o Estado tenta ajudar os mais necessitados a minorar a desigualdade da distribuição dos bens de primeira necessidade, criando, para o efeito, instituições e organismos. Um exemplo disso são as Misericórdias que já têm uma vasta tradição neste campo, pois já há mais de quinhentos anos que ajudam os mais necessitados e que têm por lema Mt 25, 33-40⁶⁵.

Apresentarei, depois, a importância da alimentação, em concreto, na cultura judaica e cristã, apresentando um texto (resumo das páginas 152-158 do manual do aluno) em como a cultura judaico-cristã vê a simbólica de certos alimentos, para, no fim, apresentar Jesus como o “pão” para os outros, doando-se a si mesmo, numa perspectiva cristã, claro.

⁶⁵ “À sua direita porá as ovelhas e à sua esquerda, os cabritos. O Rei dirá, então, aos da sua direita: “Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.” Então, os justos vão responder-lhe: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos? E quando te vimos doente ou na prisão, e fomos visitar-te?” E o Rei vai dizer-lhes, em resposta: “Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes”.

Não leccionarei os seguintes conteúdos:

- × **Solidariedade e voluntariado**, porque me parece repetitivo focar este tema, uma vez que, se solidariedade é ajudar todo o que precisa de mim, se encontra na Unidade Lectiva 3 – Jesus, um Homem para todos – do Quinto Ano e, pelo conhecimento que tenho da turma e da articulação com a Directora de Turma, os alunos ajudam-se, enquanto turma e enquanto membros da Escola, pois a maioria já participou e continua a participar em campanhas de recolha de alimentos nos hipermercados;
- × **As divisões do Novo Testamento**, uma vez que os alunos nas UL anteriores demonstraram já serem conhecedores da estrutura interna da Bíblia.

Planificação a médio prazo da Unidade Lectiva 4: O pão de cada dia

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

- Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana;
- Interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos;
- Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos;
- Relacionar o fundamento religioso da moral cristã com os princípios, valores e orientações para o agir humano, propostos pela Igreja;
- Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã;
- Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano;
- Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como factor de enriquecimento mútuo;
- Identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Cristianismo, particularmente do Catolicismo;
- Usar a Bíblia a partir do conhecimento da sua estrutura;
- Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes;
- Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana;
- Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local;
- Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de aprendizagem	Avaliação
1	• Adquirir rotinas de interação e cordialidade social.	• A importância do acolhimento e saudação para o estabelecimento de um bom clima pedagógico e relacional.	Saudação	Observação directa de: • comportamento • interesse nas actividades propostas
	• Estabelecer um contacto individualizado com o professor.		Chamada	
	• Identificar o tema da aula.	• O tema a leccionar na aula. ➢ Introdução ao tema: "O pão de cada dia".	Sumário	

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de aprendizagem	Avaliação
		A luta contra a fome no mundo.		<ul style="list-style-type: none"> participação
			Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> domínio da linguagem específica da disciplina
		<ul style="list-style-type: none"> Mesa: sinal de união familiar. 	Actividade oral Debate exploratório acerca do local de convívio, tomada de decisões, partilha, alimentação... até chegar à mesa. Após se chegar à mesa, apresentar, em powerpoint, a UL.	<ul style="list-style-type: none"> material necessário
	<ul style="list-style-type: none"> Apropriar-se da matéria a leccionar nesta Unidade Lectiva. 	<ol style="list-style-type: none"> A importância da alimentação A luta contra a fome O significado religioso da refeição no contexto judaico-cristão A Última Ceia como representação da entrega de Jesus aos outros por amor: doação de Si mesmo. 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação, em powerpoint, da unidade lectiva. 	<ul style="list-style-type: none"> atitude de respeito, tolerância e abertura aos outros mobilização de informação realização do Desafio da Semana (T.P.C.).
	<ul style="list-style-type: none"> Recordar alguns conteúdos leccionados na disciplina de Ciências da Natureza. 	<ul style="list-style-type: none"> Alimentação saudável: mais fruta, legumes, peixe, "carne branca", actividade física, cereais e menos gorduras, refrigerantes, evitar a "comida de plástico" e "refinados"... 	<ul style="list-style-type: none"> Diálogo sobre a importância da alimentação, a partir do que aprenderam na disciplina de Ciências da Natureza sobre a alimentação saudável (utilizando o powerpoint anterior, projectar uma imagem com a roda dos alimentos). 	
	<ul style="list-style-type: none"> Identificar razões que estão na origem da distribuição injusta dos recursos alimentares. 	<ul style="list-style-type: none"> O que contribui para a subnutrição: pobreza; falta de recursos económicos; escassez de alimentos; falta de água potável; falta de acesso à comida, ou de uma forma insuficiente; falta de nutrientes necessários; precariedade do emprego; O que contribui para a sobrenutrição: riqueza; distribuição desequilibrada dos recursos; egoísmo; O que fazer para se lutar contra a subnutrição e a sobrenutrição: distribuição mais equilibrada dos recursos; condições de salário; justiça equitativa (igual para todos); a luta pelo bem comum (problema de um, problema de todos) 	<ul style="list-style-type: none"> Projectção de duas imagens: uma de uma pessoa subnutrida e outra de uma pessoa sobrenutrida (que poderá estar no mesmo powerpoint anterior). Questionário a explorar sobre as imagens (guião): <ul style="list-style-type: none"> Razões que estão na origem da subnutrição? O que leva à sobrenutrição? O que se pode fazer para lutar contra a subnutrição e a sobrenutrição? 	
	<ul style="list-style-type: none"> Fazer um apanhado da aula leccionada. 	<ul style="list-style-type: none"> Sintetiza a aula 	Síntese	

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de aprendizagem	Avaliação	
			O valor da justiça e da distribuição equilibrada de recursos.		
2	<ul style="list-style-type: none"> Adquirir rotinas de interacção e cordialidade social. Estabelecer um contacto individualizado com o professor. Identificar o tema da aula. 	<ul style="list-style-type: none"> A importância do acolhimento e saudação para o estabelecimento de um bom clima pedagógico e relacional. O tema a leccionar na aula. <ul style="list-style-type: none"> A luta contra a fome. 	<p>Saudação</p> <p>Chamada</p> <p>Sumário</p> <p>Desenvolvimento</p>	<p>Observação directa de:</p> <ul style="list-style-type: none"> comportamento interesse nas actividades propostas participação linguagem específica da disciplina material necessário atitude de respeito, tolerância e abertura aos outros mobilização de informação realização do Desafio da Semana. 	
	<ul style="list-style-type: none"> Recordar as atitudes a ter perante a distribuição injusta dos bens mínimos de subsistência 	<ul style="list-style-type: none"> Causas que levam à subnutrição/sobrenutrição Atitudes a ter perante a distribuição injusta dos bens mínimos de sobrevivência: ser justo (igual para com todos) e lutar pelo bem comum. 	<ul style="list-style-type: none"> Questionar os alunos sobre a matéria leccionada na aula anterior. <ul style="list-style-type: none"> → Alguém é capaz de descrever as imagens projectadas na aula anterior? → Que problemas sociais foram retratados nessas imagens? → Que atitudes podemos ter perante essas situações? 		
	<ul style="list-style-type: none"> Interpretar criticamente factos sociais, à luz do reconhecimento da dignidade de todos os seres humanos, nos quais esteja patente instituições/organismos na justa distribuição dos bens de primeira necessidade. Organizar um universo de valores fundado no respeito pela dignidade de todos os seres humanos e na justiça social. 	<ul style="list-style-type: none"> FAO (Food and Agriculture Organization – Organização para a Alimentação e Agricultura); Caritas; Junta de Freguesia; Câmara Municipal; Segurança Social; Centros Sociais e Paroquiais; Banco Alimentar; Conferência Vicentina; projectos missionários; Santa Casa de Misericórdia.... 	<ul style="list-style-type: none"> Partindo da síntese da aula anterior, perceber o que a sociedade/Estado faz/cria numa tentativa de ajudar os mais necessitados a minorar a desigualdade da distribuição dos bens de primeira necessidade: <ul style="list-style-type: none"> → Que instituições/organismos conhecem que ajudam as pessoas mais necessitadas? 		
		<ul style="list-style-type: none"> Apoio junto das pessoas mais carenciadas através de apoio psicossocial (acompanhamento diário ou semanal de uma assistente social junto das pessoas necessitadas); atribuição de cabazes alimentares mensais; ajuda na construção de 	<ul style="list-style-type: none"> → Quais as acções desenvolvidas por cada instituição/organismo? 		

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de aprendizagem	Avaliação
		<p>melhores condições habitacionais; voluntariado; solidariedade; atribuição de subsídios escolares...</p>		
	<ul style="list-style-type: none"> Mobilizar os valores da dignidade de todas as pessoas, da solidariedade e da cooperação com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistência. 	<ul style="list-style-type: none"> Definição de solidariedade: virtude eminentemente cristã que pratica a partilha de bens, quer espirituais, quer materiais. 	<p>Partindo destas questões, chegar às Misericórdias nacionais que têm como lema Mt 25, 31ss.</p>	
		<p>“História das Misericórdias” Nos grandes centros urbanos, como Lisboa, o desenvolvimento da expansão marítima, da actividade portuária e comercial, favorecia o afluxo de gente na procura de trabalho ou de enriquecimento. As condições de vida degradavam-se e as ruas transformavam-se em locais de pobreza, abandono, orfandade, mendicidade e doenças. A 15 de Agosto de 1498, em Lisboa, surgiu a primeira Misericórdia portuguesa. Sua fundadora foi a Rainha D. Leonor, viúva de D. João II, com o total apoio do Rei D. Manuel I, com o nome de Irmandade de Invocação a Nossa Senhora da Misericórdia. A Irmandade actuava junto dos pobres, presos, doentes, e apoiava os chamados "envergonhados" (pessoas decaídas na pobreza, por desgraça). A todos os necessitados socorria dando pousada, roupas, alimentos, medicamentos... Também promovia uma importante intervenção a nível religioso, presente nas orações e na celebração de missas e procissões, nas cerimónias dos enterros, no acompanhamento de condenados à morte ou na promoção da penitência. Desta forma, os Irmãos anunciavam o Evangelho com palavras mas também com obras concretas, testemunhadas através de atitudes cristãs. Com o correr dos anos, a Misericórdia foi-se expandindo por Portugal. Entre outros locais, está presente no Porto, fundada em 1499, estando o Hospital da Prelada sob a sua supervisão.</p>	<p>Distribuir o texto “História das Misericórdias”.</p>	
		<ul style="list-style-type: none"> Jesus identifica-se com os pequeninos, com cada um de nós, 	<ul style="list-style-type: none"> Leitura de Mt 25, 34-40 (por parte de um aluno) → Com quem é que o próprio Jesus 	

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de aprendizagem	Avaliação
		<p>independentemente da categoria social.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A conclusão que se pode tirar é que se deve sempre ajudar quem necessita. • Dar de comer a quem tem fome; • Dar de beber a quem tem sede; • Acolher o peregrino; • Vestir o mal vestido; • Visitar os doentes e presos • Ouvir/Escutar/Ajudar o vizinho... 	<p>se identifica?</p> <p>→ Que conclusão se pode tirar da seguinte frase: "sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes"?</p> <p>→ Que gestos e atitudes concretas podes assumir para ajudar os que te rodeiam?</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer um resumo da aula leccionada. 	<ul style="list-style-type: none"> • As obras de caridade devem ser vistas e sentidas como actos pessoais (fraternidade) e como serviços prestados às pessoas necessitadas, tendo em atenção os princípios da solidariedade, justiça e bem comum. 	<p>Síntese (enunciado escrito).</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> • Consolidação dos factos sociais, à luz do reconhecimento da dignidade de todos os seres humanos, nos quais esteja patente instituições ou organismos na justa distribuição dos bens de primeira necessidade de que é exemplo a Santa Casa de Misericórdia. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. A primeira Misericórdia surgiu em que contexto/situação? 2. Em que data? 3. Onde? 4. Quem foi a sua fundadora? 5. Quem era o rei nessa altura? 6. Teve o seu apoio ou a sua oposição? 7. A Misericórdia apoiava quem? 8. Como fazia esse apoio? 9. Para além do apoio material, que outra intervenção fazia? 10. A primeira Misericórdia surgiu em Lisboa. E a segunda? 11. Em que ano? 12. Que Hospital, no Porto, está sob a sua supervisão? 	<p>Desafio da Semana</p> <p>Distribuição de um questionário de resposta curta e fechada sobre a "História das Misericórdias" para resolução domiciliária.</p>	
<p>3</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Adquirir rotinas de interacção e cordialidade social. 	<ul style="list-style-type: none"> • A importância do acolhimento e saudação para o estabelecimento de um bom clima pedagógico e relacional. 	<p>Saudação</p>	<p>Observação directa de:</p>

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de aprendizagem	Avaliação
	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer um contacto individualizado com o professor. 		Chamada	<ul style="list-style-type: none"> comportamento interesse nas actividades propostas participação linguagem específica da disciplina material necessário atitude de respeito, tolerância e abertura aos outros mobilização de informação realização da actividade proposta (Desafio da Semana – T.P.C.)
	<ul style="list-style-type: none"> Identificar o tema da aula. 	<ul style="list-style-type: none"> O tema a leccionar na aula: <ul style="list-style-type: none"> Correcção do Desafio da Semana. Simbologia judaico-cristã de alguns alimentos. 	Sumário	
			Desenvolvimento	
	<ul style="list-style-type: none"> Aferir os seus conhecimentos relativos a instituições/organismos que estão implicados na justa distribuição dos bens de primeira necessidade, em especial, as Misericórdias portuguesas. Reconhecer a importância da atenção nas aulas para a aquisição e consolidação de conhecimentos. 		<p>→ Correcção e verificação da resolução do questionário escrito, distribuído aos alunos sobre o texto projectado na aula anterior "História das Misericórdias"</p>	
		<ol style="list-style-type: none"> A primeira Misericórdia surgiu devido ao desenvolvimento da expansão marítima, da actividade portuária e comercial que favorecia o afluxo de gente na procura de trabalho ou de enriquecimento. As condições de vida degradavam-se e as ruas transformavam-se em locais de pobreza, abandono, orfandade, mendicidade e doenças. 	<ol style="list-style-type: none"> A primeira Misericórdia surgiu em que contexto/situação? 	
		<ol style="list-style-type: none"> Em 15 de Agosto de 1498. 	<ol style="list-style-type: none"> Em que data? 	
		<ol style="list-style-type: none"> Em Lisboa. 	<ol style="list-style-type: none"> E onde? 	
		<ol style="list-style-type: none"> Rainha fundadora foi D. Leonor. 	<ol style="list-style-type: none"> Quem foi a sua fundadora? 	
		<ol style="list-style-type: none"> O rei dessa altura era D. Manuel I. 	<ol style="list-style-type: none"> Quem era o rei nessa altura? 	
		<ol style="list-style-type: none"> Teve o seu apoio. 	<ol style="list-style-type: none"> Teve o seu apoio ou a sua oposição? 	
		<ol style="list-style-type: none"> A Misericórdia apoiava os chamados "envergonhados" (pessoas decaídas na pobreza, por desgraça). 	<ol style="list-style-type: none"> A Misericórdia apoiava quem? 	
		<ol style="list-style-type: none"> Dava o seu apoio a todos os necessitados, dando pousada, roupas, alimentos, medicamentos... 	<ol style="list-style-type: none"> Como fazia esse apoio? 	
		<ol style="list-style-type: none"> Para além do apoio material, também promovia uma importante intervenção a nível religioso, presente nas orações e na celebração de missas e procissões, nas cerimónias dos enterros, no acompanhamento de condenados à morte ou na promoção da penitência. 	<ol style="list-style-type: none"> Para além do apoio material, que outra intervenção fazia? 	

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de aprendizagem	Avaliação
		10. A segunda Misericórdia surgiu no Porto.	10. A primeira Misericórdia surgiu em Lisboa. E a segunda?	
		11. Em 1499.	11. Em que ano?	
		12. O Hospital, no Porto, que está sob a sua supervisão, é o Hospital da Prelada.	12. Que Hospital, no Porto, está sob a sua supervisão?	
	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretar produções culturais de diferentes origens sobre o significado simbólico-religioso do alimento, em especial na cultura judaica e cristã. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pão: o símbolo do alimento essencial. No Antigo Testamento, o pão ázimo (sem fermento) representava as privações do povo hebreu escravizado no Egito. O maná, pão caído do céu, para alimentar o povo hebreu durante a travessia do deserto do Sinai. Representa a compaixão de Deus para com o seu povo. Nos evangelhos, Jesus, o novo maná, o pão da vida descido do céu, alimenta uma grande multidão, depois de multiplicar alguns pães e alguns peixes. • Vinho: é frequentemente associado ao sangue. Simboliza a alegria na tradição bíblica. No evangelho de São João, é um dos elementos principais da celebração eucarística, a par do pão. • Maçã: a primeira ordem que Deus deu a Adão e a Eva foi não comerem da árvore do conhecimento do bem e do mal. Embora não especifique qual o alimento, a Tradição associa-o à maçã. Assim, passou a simbolizar o fruto proibido. A partir do século XI, a maçã passou a aparecer relacionada com as representações do menino Jesus e de Maria, manifestando a convicção de que Jesus veio trazer o perdão do pecado. • Azeite: é um dos principais produtos da terra prometida e é sinal da bênção de Deus. Simboliza a alegria, a fraternidade, a riqueza e a abundância. Servia para curar as feridas, temperar os alimentos e para iluminar. No Antigo Testamento, os reis, profetas e sacerdotes de Israel eram ungidos com azeite, para significar a bênção de Deus para o exercício de uma missão importante. Nas celebrações cristãs, o azeite está presente nos sacramentos do baptismo, confirmação ou crisma, 	<p>Após a correção e esclarecimento de alguma dúvida acerca do questionário sobre a "História das Misericórdias", apresentar a importância da alimentação em concreto na cultura judaica e cristã, apresentando um texto em como a cultura judaico-cristã vê a simbólica de certos alimentos.</p>	

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de aprendizagem	Avaliação
		<p>ordem e unção dos enfermos. A oliveira simboliza a paz e a reconciliação.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leite e mel: o leite é o primeiro alimento que o ser humano toma e, no início da vida, depende dele para viver e crescer. Na Bíblia, Canaã, a terra prometida por Deus ao seu povo, é referida como uma "terra onde corre leite e mel", ou seja, uma terra fértil, onde há abundância de bens essenciais à sobrevivência e à prosperidade do povo. Além disso, são alimentos que existem na natureza sem ser necessário o trabalho e esforço humano para os obter. • Figueira: juntamente com a uva e a azeitona, o figo era um dos principais alimentos do povo bíblico. No livro dos Génesis, Adão e Eva, depois de comerem o fruto da árvore proibida, perceberam que estavam nus e cobriram-se com folhas de figueira. A figueira estéril serviu de base a uma parábola contada por Jesus, representando as pessoas que não dão frutos de bondade e de fraternidade. Tal como a figueira estéril, que está condenada ao fracasso e ao esquecimento, assim o ser humano que não produz, não trabalha, está condenado ao fracasso e ao esquecimento. 		
	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e caracterizar produções simbólicas e tradições culturais relacionadas com o alimento, em especial a judaica e a cristã. • Aplicar os conhecimentos adquiridos no texto apresentado. • Confirmar os seus conhecimentos relativos à simbologia judaico-cristã de 	<p>→ Azeite: e) Servia para curar, temperar e iluminar e simbolizava a bênção de Deus para a realização de uma missão específica.</p> <p>→ Figueira: c) As suas folhas serviram para cobrir a nudez de Adão e Eva</p> <p>→ Leite e mel: d) Simbolizava a abundância</p> <p>→ Maçã: f) A tradição associou-o ao fruto da "árvore do conhecimento do bem e do mal" e à desobediência do homem e da mulher.</p>	<p>Após a leitura do texto sobre a simbólica religiosa do alimento, por um aluno, elaborar, por escrito, a ficha de trabalho. Caso não haja tempo na aula para a resolução da ficha, realizá-la em casa.</p>	

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de aprendizagem	Avaliação	
	alguns alimentos.	<p>→ Maná: b) Era o “pão” que Deus fez descer do céu para alimentar o povo durante a travessia do deserto</p> <p>→ Vinho: a) Estava associado ao sangue e simbolizava também a alegria</p>			
4	<ul style="list-style-type: none"> Adquirir rotinas de interação e cordialidade social. Estabelecer um contacto individualizado com o professor. Identificar o tema da aula. 	<ul style="list-style-type: none"> A importância do acolhimento e saudação para o estabelecimento de um bom clima pedagógico e relacional. O tema a leccionar na aula <ul style="list-style-type: none"> ➢ A Última Ceia como representação da entrega de Jesus: ser pão para os outros. 	<p>Saudação</p> <p>Chamada</p> <p>Sumário</p> <p>Desenvolvimento</p>	<p>Observação directa de:</p> <ul style="list-style-type: none"> comportamento interesse nas actividades propostas participação linguagem específica da disciplina material necessário atitude de respeito, tolerância e abertura aos outros mobilização de informação realização da actividade proposta 	
	<ul style="list-style-type: none"> Confirmar os seus conhecimentos relativos à simbologia judaico-cristã de alguns alimentos. 	<p>→ Azeite: e) Servia para curar, temperar e iluminar e simbolizava a bênção de Deus para a realização de uma missão específica.</p> <p>→ Figueira: c) As suas folhas serviram para cobrir a nudez de Adão e Eva.</p> <p>→ Leite e mel: d) Simbolizava a abundância.</p> <p>→ Maçã: f) A tradição associou-o ao fruto da “árvore do conhecimento do bem e do mal” e à desobediência do homem e da mulher.</p> <p>→ Maná: b) Era o “pão” que Deus fez descer do céu para alimentar o povo durante a travessia do deserto</p> <p>→ Vinho: a) Estava associado ao sangue e simbolizava também a alegria</p>	Solicitar aos alunos que façam a troca da ficha de trabalho sobre a simbologia judaico-cristã com o colega do lado para fazerem a respectiva correcção. Enquanto fazem a correcção, verificar, um a um, se realizaram a ficha na totalidade.		
	<ul style="list-style-type: none"> Apresentar o resultado da pesquisa sobre alimentos e descrever qual a sua finalidade/utilidade/simbólica. 		Após a correcção da ficha de trabalho sobre a simbologia judaico-cristã de alguns alimentos, solicitar a três alunos, aleatoriamente, sobre a questão 2 da ficha de trabalho, que ficou como desafio da semana: “ <i>Em casa, junto dos familiares, recolher informação sobre plantas aromáticas, chás ou especiarias que utilizam e com que finalidade</i> ”.		
		Que os alimentos contribuem para o nosso	Que conclusão se pode tirar?		

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de aprendizagem	Avaliação
		bem-estar físico, espiritual...		
	<ul style="list-style-type: none"> Interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos. 		Depois de se ver a simbologia de alguns alimentos na cultura judaico-cristã, há dois alimentos que foram apropriados pelo Cristianismo e pelo próprio Jesus: o pão e o vinho, símbolos da entrega de Jesus para com o seu povo.	
			Apresentar uma imagem da Última Ceia e sua interpretação como motivação para a exploração dos conteúdos apresentados.	
		<ol style="list-style-type: none"> Jesus Os apóstolos Pão, vinho e outros alimentos. Convívio, local onde tomamos as refeições, tomamos decisões... 	Guião de exploração da imagem: <ol style="list-style-type: none"> Qual a figura central? Quem o rodeia? O que está em cima da mesa? Qual o significado que poderá ter a mesa? 	
		<p>Definição oral de:</p> <ul style="list-style-type: none"> Publicanos: assim se chamavam os cobradores de impostos por conta dos Romanos, quais, aproveitando a imprecisão das taxas a cobrar, frequentemente exploravam os Judeus, pelo que eram odiados e considerados pecadores públicos. No entanto, Jesus Cristo não hesitou em incluir um entre os seus discípulos, comeu com ele e hospedou-se em sua casa: Zaqueu. Fariseus: seita religiosa constituída por leigos versados nas Escrituras e na Lei de Moisés, interpretando-as à letra e impondo o seu rigoroso cumprimento. Apesar do seu rigorismo, gozavam de prestígio junto do povo. O orgulho, a hipocrisia, a falta de abertura e de diálogo mereceram as censuras de Jesus Cristo e levaram-nos a exigir de Pilatos que O crucificasse. No entanto, houve fariseus amigos de Jesus Cristo, entre os quais Nicodemos e Gamaliel. 	Partindo da questão quatro, apresentar o powerpoint sobre a Última Ceia, representação da entrega total de Jesus aos outros, tendo como base o texto do capítulo 15 'Esto es mi cuerpo' do livro <i>Abba y el mensaje central del Nuevo Testamento</i> de Joachim Jeremias, pág. 258-275.	
			Após a visualização do powerpoint, explorá-lo oralmente:	
			Guião exploratório:	
		I. Para os povos orientais, estar à mesa é	I. Para os povos orientais, estar à mesa	

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de aprendizagem	Avaliação
		mais do que uma reunião: é a celebração de um pacto, acordo, juramento e é também o firmar/assumir da paz, confiança, fraternidade, perdão e liberdade.	significa o quê?	
		2. Os judeus mantiveram a tradição dos povos orientais, mas acrescentaram um factor novo: a oração. Por isso, antes de cada refeição, o chefe de família partia o pão, mostrava-o a todos e rezava, tal como no fim da refeição, em agradecimento.	2. O que fazem os judeus à mesa?	
		3. Jesus segue a tradição judia da fracção e da bênção do pão. Enquanto para os povos orientais e para os judeus, à mesa estavam pessoas importantes, com Jesus estão os pecadores e publicanos, pessoas insignificantes e excluídas pela sociedade.	3. Que significado Jesus imprimiu na Última Ceia?	
		4. Jesus vem anunciar uma nova realidade: tempo de justiça, de igualdade, de verdade, esta oferecida por Deus a todos, sem excepção.	4. Qual a sua mensagem?	
		5. O convívio de Jesus com os pecadores e publicanos leva a que os fariseus odeiem Jesus e o condenem à morte. Jesus, apercebendo-se do movimento dos fariseus, doou a sua vida pelo bem da humanidade, em cada acto, em cada palavra, em cada gesto realizado, até ao limite da morte.	5. Quais as pessoas que Ele (Jesus) tem à sua mesa?	
		6. As implicações que tem a morte de Jesus para os cristãos, ou melhor, a dádiva fraterna pelas pessoas, é que cada vez que se faz memória desta dádiva (Eucaristia), os cristãos consideram como alimento espiritual.	6. Que implicações tem a morte de Jesus para os cristãos?	
5	<ul style="list-style-type: none"> Adquirir rotinas de interacção e cordialidade social. 	A importância do acolhimento e saudação para o estabelecimento de um bom clima pedagógico e relacional.	Saudação	
	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer um contacto individualizado com o professor. 		Chamada	
	<ul style="list-style-type: none"> Identificar o tema da aula. 	O tema a leccionar na aula	Sumário	

Aula	Operacionalização das competências	Conteúdos	Experiências de aprendizagem	Avaliação
		➤ Ficha de Avaliação.		
			Desenvolvimento	
	<ul style="list-style-type: none"> Realizar a ficha de avaliação escrita de forma a aplicar os conteúdos estudados em ordem a adquirir as competências estabelecidas. 	Os estabelecidos na matriz da ficha de avaliação.	Distribuição da Ficha de Avaliação.	
			Recolha da Ficha de Avaliação	
6	<ul style="list-style-type: none"> Adquirir rotinas de interação e cordialidade social. 	<ul style="list-style-type: none"> A importância do acolhimento e saudação para o estabelecimento de um bom clima pedagógico e relacional. 	Saudação	
	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer um contacto individualizado com o professor. 		Chamada	
	<ul style="list-style-type: none"> Identificar o tema da aula. 	O tema a leccionar na aula ➤ Entrega e correcção da ficha de avaliação. Auto-avaliação	Sumário	
			Desenvolvimento	
	<ul style="list-style-type: none"> Correcção orientada da Ficha de Avaliação Exercitar a compreensão escrita Consolidar os conteúdos. Propiciar ao aluno o sentido crítico na avaliação, reconhecendo o trabalho que desenvolveu nesta UL. 			Entrega da ficha de avaliação. Correcção da ficha de avaliação. Auto-avaliação.

		Materiais de Apoio
Aulas	1	<ul style="list-style-type: none"> Powerpoint sobre a apresentação da UL
	2	<ul style="list-style-type: none"> Texto sobre a história das Misericórdias Ficha de Trabalho
	3	<ul style="list-style-type: none"> Texto sobre a simbólica da alimentação Ficha de Trabalho

4	<ul style="list-style-type: none"> • Imagem sobre a Última Ceia • Powerpoint sobre a Última Ceia
5	<ul style="list-style-type: none"> • Matriz da Ficha de Avaliação • Ficha de Avaliação
6	<ul style="list-style-type: none"> • Relatório-síntese dos dados aferidos na e pela Ficha de Avaliação

Nota: os materiais de apoio seguem no final desta Dissertação, na secção dos Anexos.

Bibliografia	<ul style="list-style-type: none"> • ALVES, Herculano – <i> Símbolos na Bíblia</i>. Difusora Bíblica, Fátima, 2001. • AA.VV. – <i> A Eucaristia na Bíblia</i>. 2.ª Edição. Lisboa: Difusora Bíblica, 2000, Coleção Cadernos Bíblicos. • CARREIRA DAS NEVES – <i> Bíblia, o Livro dos livros – Tomo Primeira: Grandes Mitos I</i>. Edição Expresso, 2006. • Enciclopédia Católica Popular – http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/ • FERREIRA DE ALMEIDA, João – <i> Exclusão social: factores e tipos de pobreza em Portugal</i>. Celta Editora, 1992, Universidade de Virgínia. • JEREMIAS, Joachim – <i> Abba y el mensaje central del Nuevo Testamento</i>. 3.ª Ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1989. • MENDES, Américo [et al.] – <i> As 14 obras de misericórdia</i>. Coordenação: Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia. Aletheia, 2009. • PIKAZA, Xabier – <i> Éste es el Hombre. Manual de cristología</i>. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1997. • SANTABÁRBARA, Luís Gonzáles-Carvajal– <i> Con las pobres contra la pobreza</i>. 4.ª ed, Madrid, San Pablo, 1991. • SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – <i> Nós e o Mundo</i>. Manual do aluno – EMRC – 6.º Ano do Ensino Básico. 1.ª ed.. Lisboa: Edições Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2009. • WENIN, André – <i> Pas seulement de pain... Violence et alliance dans la Bible</i>. Les Éditions du Cerf, Paris, 1998.
---------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Reflexão

A reflexão que me urge realizar a esta Unidade Lectiva, mais na parte final “A Última Ceia como representação da entrega de Jesus por amor” e “ser pão para os outros: a doação de Si mesmo”, se não forem tratados com muita sensibilidade, facilmente se entra na teologia dos sacramentos e se dá uma lição de Eucaristia. Julgo que é preciso muito cuidado na apresentação destes conteúdos.

Não apresentei os textos propostos (Tg 5, 1-6; 1Jo 3, 17-18; Mt 25, 31-45), pois a leitura de Tg 5, 1-6 poderá ser de compreensão lenta e difícil para os alunos, pois utiliza metáforas. Em vez desta leitura, poder-se-á utilizar Tg 2, 16 ou Sir 29, 8-9, pois utilizam uma linguagem mais simples.

“*O julgamento final: as obras de promoção humana: Mt 25,31-45*”. O título “*O julgamento...*” faz-me lembrar o filme **2012**, a profecia dos Maias, o cataclismo, o fim do mundo. Leitura alternativa, menos cataclítica: Jb 31, 16-17.19.21-22.

Terão os alunos capacidade para entender a linguagem utilizada nestas passagens bíblicas? Não experimentei, mas acredito que não compreendam o sentido profundo destas passagens.

2.2 As aprendizagens

Planificar é, de facto, essencial para que o professor tenha um fio condutor das suas aulas. É como um mapa de estrada: para se chegar a um destino, traça-se um caminho. Assim, a planificação não deve ser rígida, mas, pelo contrário, deverá ser uma previsão do que se pretende fazer, tendo em conta as actividades, material de apoio e essencialmente o contributo dos alunos, privilegiando as relações pessoais entre todos os membros do grupo – professor e alunos –, fazendo com que estes se sintam como uma peça fundamental e imprescindível para o todo, para a aula.

É certo que a planificação é um acto contínuo e repetitivo, mas o grau de profundidade e de exigência vai evoluindo.

No decorrer de qualquer processo, deve-se reflectir e avaliar. Com as planificações e as aulas, propriamente ditas, isso também deve acontecer. Avalia-se essencialmente para auto-regulação, para se analisar o que está a correr bem ou mal e, a partir daí introduzir melhorias no próprio processo de ensino/aprendizagem. É esta a vantagem das planificações a médio e longo prazo e depois a planificação aula a aula. Se compararmos, depois, cada uma das planificações, verificamos que estão um pouco diferentes, para melhor, assim o pensamos.

Não se pode eleger um modelo, tendo-o como certo, em detrimento de um outro, que se considera imperfeito: pode até fazer sentido usar simultaneamente mais do que um

tipo de planificação. Por exemplo, quando se lecciona a mesma Unidade Lectiva a turmas com um contexto diferente ou em Escolas diferentes⁶⁶.

Assim, para a avaliação das aulas, utilizei uma grelha de observação e, à medida que iam surgindo as situações, registava-as. Situações de maior relevo, quer pela negativa, quer pela positiva, comunicava-as à Directora de Turma.

Fiz sempre por estar atento às dúvidas e inquietações dos alunos e tentei dar as respostas certas e convenientes, havendo um aluno colocava algumas questões que revelava que o seu nível de desenvolvimento estava mais acima do que os dos restantes colegas, ou pelo menos, revelava mais cultura geral.

Tentei sempre inculcar nos alunos o espírito de partilha, de respeito e de interajuda através dos valores transmitidos nos temas das aulas.

Utilizei diversas estratégias, para melhor corresponder às necessidades, interesses e ultrapassar as dificuldades dos alunos, conseguindo-se bons resultados, tais como o recurso às novas tecnologias, pesquisa em casa e trabalhos de pares.

Explorei o debate e o trabalho de grupo, mas como a turma era muito barulhenta e conversadora, prontamente passei para trabalhos individuais, Fichas de Trabalho, algumas de realização domiciliária e planificações com rigor à milésima de segundo e com diversas dinâmicas, mas muitas vezes me vi frustrado, pois os trabalhos individuais ou Desafios da Semana não eram realizados. Mesmo chamados à atenção constantemente, continuavam distraídos, irrequietos e conversadores.

Realizei a cada final de período uma Ficha de Avaliação, onde os resultados académicos foram francamente melhores do que se esperava, devido ao seu comportamento, dando, assim, por assimiladas as competências do saber e do saber-fazer traçadas para cada UL. Só no terceiro período é que a competência do saber-ser correspondeu às expectativas delineadas.

Tentei passar para os alunos a importância desta Disciplina, apresentando o papel importante que esta desenvolve na componente educadora e formadora da Escola, que

⁶⁶ No ano lectivo 2010/11 realizei o Estágio Pedagógico Supervisionado na Escola Básica Sophia de Mello Breyner, em Arcozelo, com Segundo e Terceiro Ciclo, numa turma de 6.º Ano e, simultaneamente, estive a leccionar na Escola de Argoncilhe, com Segundo e Terceiro Ciclo, onde também fui professor de uma turma de 6.º Ano. As planificações que usei na Escola Sophia de Mello Breyner foram diferentes das que usei na Escola Básica de Argoncilhe.

preza a defesa dos valores humanos e de todos os que rodeiam o Homem e que contribui para que cada aluno seja mais responsável e autónomo, aplicando os valores adquiridos.

Dei as aulas segundo o testemunho da Igreja e não segundo a minha opinião, o que contribuiu para o despertar da curiosidade pela disciplina de EMRC e também o melhoramento de atitudes na aula.

Foi este o caminho que percorri, considerando-o bastante proveitoso para os alunos e também para o meu crescimento intelectual e humano, na medida em que o sucesso dos nossos alunos é também o nosso sucesso.

3. Ser professor de EMRC, hoje

A existência do Ensino Religioso Escolar no Currículo da Escola pública pode parecer um contra-senso, quando se considera os Estados Republicanos, estados laicos. A própria definição do que seja um estado laico é mal compreendida, quando se confunde laicidade e anticlericalismo, ou laicidade e ateísmo. Na tentativa de se separar o espiritual do temporal (Estado e Igreja), muitos movimentos surgiram e culminaram com o aparecimento dos Estados laicos. Mas muitas pessoas ainda confundem Estado Laico com Estado sem Religião ou contra a Religião. A laicidade não é o antirreligioso na sociedade, mas o arreligioso na esfera pública. É a separação entre fé (domínio privado) e instituição (Igreja = instituição de domínio público)⁶⁷.

Régis Debray⁶⁸, apesar da sua ideologia marxista, vem defendendo o regresso do ERE, pois nota-se um desenraizamento de várias situações concretas, tais como o significado das férias de Natal, de Páscoa... Não quer trazer Deus à Escola, mas, sim, prolongar o caminho humano em múltiplas vias, ou seja, o conhecimento humano não está só nas disciplinas técnicas, mas também está nas de sentido (Literatura, Filosofia, História, Arte...).

⁶⁷ Parágrafo adaptado de http://www.pucsp.br/rever/rv3_2009/t_domingos.pdf (consultado a 2010.09.17).

⁶⁸ DEBRAY, Régis – “L’enseignement du fait religieux dans l’École laïque” - Rapport à monsieur le ministre de l’éducation nationale, Février, 2002. In <http://www.iesr.ephe.sorbonne.fr/docannexe/file/3739/debray.pdf> (acedido a 2010.09.17).

“*Le christianisme est notre matrice: nous devons le connaître pour être nous-mêmes*” lê-se no *Le Point*⁶⁹. Régis Debray não concordaria, em todo, com esta frase, mas porque não? A cultura europeia, nos anais da História mais recente, digamos nos últimos dois mil anos, (con)funde-se com o Cristianismo. É certo que não poderemos esquecer a cultura indo-europeia, grega e a romana, de onde derivam, num grande número dos países europeus, o pensamento, a lei e o nome dos dias da semana.

«*Dar a conhecer uma realidade ou uma doutrina é uma coisa, promover uma norma ou um ideal é outra. [...] A família das disciplinas ditas literárias treina (os professores), desde há muito tempo, a ponderar proximidade compreensiva e distância crítica, empatia e recuo, quer seja em relação aos textos, às civilizações ou aos indivíduos. Uma didáctica das ciências das religiões, que está ainda, sem dúvida, por criar ou refazer saberá dar a continuidade, ajudando nisto a experimentação pedagógica. As religiões têm uma história, mas não são apenas História, e menos ainda estatística. [...] Dizer o contexto histórico sem a espiritualidade que o anima é correr o risco de desvitalizar. Dizer, por outro lado, a sabedoria sem o contexto social que a produziu, é correr o risco de mistificar*».⁷⁰

Sabemos pelos conhecimentos adquiridos nas várias disciplinas do curso de Teologia ou de Ciências Religiosas que quando um jovem perde a sua herança cultural e espiritual em que se formou, carrega um sombrio semblante, e transforma-se em adversário da sociedade. É precisamente este adversário da sociedade que a Escola vê um problema não resolvido, pois a sobrecarga de horários e disciplinas, arruma para canto certas disciplinas e o ERE é um caso concreto.

Que recomendações?

Régis Debray⁷¹ propõe, de modo sucinto, e entre outros, que:

- exista a transdisciplinaridade e transversalidade do fenómeno religioso;
- formação de novos professores, com novas metodologias e novas articulações.

⁶⁹ In *Revista Le Point, Hors-série*, n.º 11, Novembre-décembre, 2006, no “Avant-propos”. Uma possível tradução livre: “O Cristianismo é a nossa matriz: devemos conhecê-lo para sermos nós mesmos/próprios”.

⁷⁰ DEBRAY, Régis – “L’enseignement du fait religieux dans l’École laïque” - Rapport à monsieur le ministre de l’éducation nationale, Février, 2002. In <http://www.iesr.ephe.sorbonne.fr/docannexe/file/3739/debray.pdf> (acedido a 2010.09.17).

⁷¹ DEBRAY, Régis – “L’enseignement du fait religieux dans l’École laïque” - Rapport à monsieur le ministre de l’éducation nationale, Février, 2002. In <http://www.iesr.ephe.sorbonne.fr/docannexe/file/3739/debray.pdf> (acedido a 2010.09.17).

É pegando nestas recomendações de Debray que ser professor de EMRC hoje é um desafio constante. Assim, por exemplo, no início do Ano Lectivo, o livro da nossa vida, do novo ano lectivo que inicia, contem só páginas em branco e começa na página um, pois é tempo de conhecer novos alunos, é, também, tempo de rever os que continuam nesta caminhada da vida. Para alguns professores, é tempo de dores de cabeça, mas para outros, é tempo de alegria, de partilha, de diálogo, de responsabilidade, de receber de braços abertos, quer os alunos, quer os colegas e é aqui que o professor de EMRC prima pela sua capacidade de recepção, profissionalismo, alegria, livre de preconceitos e que busca constantemente a verdade. Nem sempre é fácil, mas como é uma pessoa que nunca desanima perante as dificuldades, não mostra medo e vai à luta.

Esta força de vontade de querer ultrapassar os obstáculos, fazem dele um professor invejado e amado: invejado, por vezes, pelos colegas de profissão e amado, muitas vezes, pelos alunos, tornando-se, não raras vezes, exemplo a seguir, quer pelas suas qualidades humanas, quer pela sua vivência cristã.

Sabemos que as aulas dependem como o docente se apresenta, é verdade, onde os alunos o olham com desdém e sempre a apalpar o pulso, mas a sua afabilidade, amabilidade, capacidade de resolução de conflitos, profissionalismo, a sua competência nos domínios científico e pedagógico, humor, confiança, diálogo, amizade e a firmeza de cumprimentos de regras, sem ser demasiadamente “duro”, nem demasiadamente permissivo, fazem cair por terra qualquer tipo de resistências que alguns alunos apresentem, até porque o professor de EMRC, quando vai para a Escola, além de ir “dar uma aula”, muitas vezes recebe uma aula, ouve e acarinha o que se passa com a turma, um aluno, um grupo, um professor, favorecendo, assim, um clima de confiança, de autenticidade, de abertura e de diálogo franco e aberto, demonstrando, assim, uma inegável sensibilidade humana⁷², tal como «*Jesus que olha sempre para o outro como próximo, coloca-o sempre à Sua estatura, remetendo-o não a Si mas ao Pai que olha para cada um pelo que é e por aquilo que cada um é. Desta forma, o próximo é aproximado à humanidade de si mesmo e ao transcendente. [...]*

⁷² Ver <http://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc> (consultado a 2013.04.03).

Como refere Jacques Delors, a educação, pelo menos em contexto europeu, visa que o educando aprenda a conhecer, aprenda a fazer, aprenda a viver junto com os outros, mas que também aprenda a ser.»⁷³

Ora aqui está um estímulo desafiante para o professor de EMRC: um professor que:

- seja sedento e faminto pois é pela sede que se aprende a água e é pela fome que se aprende o pão (à semelhança de Jesus “*desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco*” – Lc 22, 15);
- se espante, se pasmee diante do banal para dar aulas com admiração, com espanto, apresentar novas visões, novas descobertas, entranhar o gosto por;
- entenda a importância do inútil, pois só assim verá o útil. A renúncia à exclusividade do útil para abraçar o inútil abre-nos à polifonia da vida. Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia, de formiga e musgo – elas podem um dia milagrar flores;
- numa mão guarda a caixa dos brinquedos da sua infância – pois brincar dá-nos prazer e é nessa caixa que se encontram a poesia, a literatura, a pintura, os jogos amorosos, a contemplação da natureza – e na outra guarda/traz a caixa das ferramentas – símbolo da sua experiência acumulada e pronta para estar ao serviço do outro;
- arrisque fazer um bom uso das crises, pois elas têm alguma coisa a ensinar: são elas que nos dão a capacidade de lidar com a vida, conosco mesmos;
- aprenda e ensine a aprender a desaprender, para que seja capaz e faça ter capacidade de desfazer o que está feito e construa, e ter novas experiências.

O professor de EMRC, em especial, tem uma missão muito nobre, uma vez que transparece uma contemporaneidade global laicizante, de reabilitar a «*sadia relação bíblica e talmúdica mestre-discípulo para tentar travar o processo de indiferenciamento da educação actual. Só assim será possível enriquecer uma tradição cultural e não a perder. Como refere o Rabbi Haninah: “aprendi muito dos meus mestres, dos meus companheiros ainda mais do que dos meus mestres, e dos meus discípulos ainda mais do que de todos eles”*». [...]

⁷³ CARVALHO, José Carlos – *Educação cristã*, pág. 132-133.

Mas em suma, a educação cristã tem futuro e tem lugar, não tanto devido às necessidades que a poderão provocar e provocam, mas porque ela representa por si mesma a parábola do crescimento total do humano.»⁷⁴

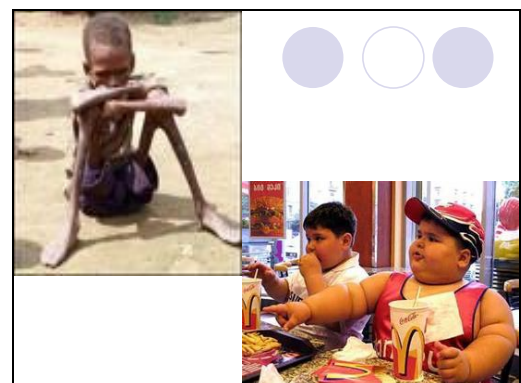
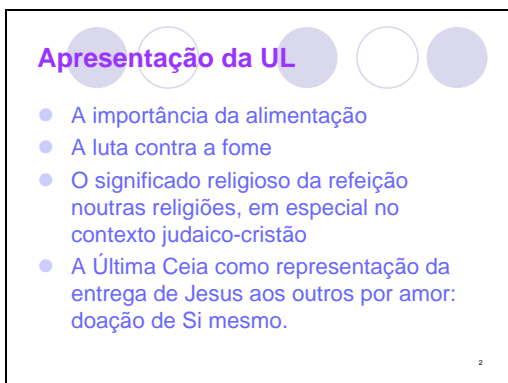
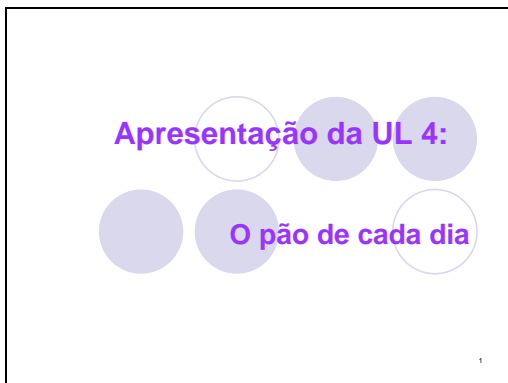
⁷⁴ CARVALHO, José Carlos – *Educação cristã*, pág. 133-134.

Anexos

Materiais de apoio à Unidade Lectiva

Aula 1

1 – Powerpoint de apresentação da UL



Aula 2

1 – Texto de Apoio

História das Misericórdias

Nos grandes centros urbanos, como Lisboa, o desenvolvimento da expansão marítima, da actividade portuária e comercial, favorecia o afluxo de gente na procura de trabalho ou de enriquecimento. As condições de vida degradavam-se e as ruas transformavam-se em locais de pobreza, abandono, orfandade, mendicidade e doenças.

A 15 de Agosto de 1498, em Lisboa, surgiu a primeira Misericórdia portuguesa. Sua fundadora foi a Rainha D. Leonor, viúva de D. João II, com o total apoio do Rei D. Manuel I, com o nome de Irmandade de Invocação a Nossa Senhora da Misericórdia. A Irmandade actuava junto dos pobres, presos, doentes, e apoiava os chamados "envergonhados" (pessoas decaídas na pobreza, por desgraça). A todos os necessitados socorria dando pousada, roupas, alimentos, medicamentos... Também promovia uma importante intervenção a nível religioso, presente nas orações e na celebração de missas e procissões, nas cerimónias dos enterros, no acompanhamento de condenados à morte ou na promoção da penitência. Desta forma, os Irmãos anunciavam o Evangelho com palavras mas também com obras concretas, testemunhadas através de atitudes cristãs.

Com o correr dos anos, a Misericórdia foi-se expandindo por Portugal. Entre outros locais, está presente no Porto, fundada em 1499, estando o Hospital da Prelada sob a sua supervisão.

2 – Ficha de Trabalho

Ficha de Trabalho

Na aula de hoje vimos a história das Misericórdias.

Responde, agora, de modo directo, às seguintes questões:

1. A primeira Misericórdia surgiu em que contexto/situação?
2. Em que data?
3. Onde?
4. Quem foi a sua fundadora?
5. Quem era o rei nessa altura?
6. Teve o seu apoio ou a sua oposição?
7. A Misericórdia apoiava quem?
8. Como fazia esse apoio?
9. Para além do apoio material, que outra intervenção fazia?
10. A primeira Misericórdia surgiu em Lisboa. E a segunda?
11. Em que ano?
12. Que Hospital, no Porto, está sob a sua supervisão?

Aula 3

1 – Texto de Apoio

Simbologia judaico-cristã de alguns alimentos

Na cultura hebraica, os alimentos são uma dádiva de Deus colocada à disposição dos seres vivos, integrando os elementos necessários à sua sobrevivência.

De acordo com os textos bíblicos, a abundância de alimento é símbolo da presença benevolente de Deus.



Pão

O pão é o símbolo do alimento essencial. No Antigo Testamento, o pão ázimo (sem fermento) representava as privações do povo hebreu escravizado no Egito. O maná é o pão caído do céu para alimentar o povo hebreu durante a travessia do deserto do Sinai. Representa a compaixão de Deus para com o seu povo.

Nos evangelhos, Jesus, o novo maná, o pão da vida descido do céu, alimenta uma grande multidão, depois de multiplicar alguns pães e alguns peixes.



Vinho

O vinho é frequentemente associado ao sangue. Simboliza a alegria na tradição bíblica. No evangelho de São João, é um dos elementos principais da celebração eucarística, a par do pão.



Maçã

No relato bíblico, a primeira ordem que Deus deu a Adão e a Eva foi não comerem da árvore do conhecimento do bem e do mal. Embora não especifique qual o alimento, a Tradição associa-o à maçã. Assim, passou a simbolizar o fruto proibido.

A partir do século XI, a maçã passou a aparecer relacionada com as representações do menino Jesus e de Maria, manifestando a convicção de que Jesus veio trazer o perdão do pecado.



Azeite

O azeite é um dos principais produtos da terra prometida e é sinal da bênção de Deus. Simboliza a alegria, a fraternidade, a riqueza e a abundância. Servia para curar as feridas, temperar os alimentos e para iluminar.

No Antigo Testamento, os reis, profetas e sacerdotes de Israel eram ungidos com azeite, para significar a bênção de deus para o exercício de uma missão importante.

Nas celebrações cristãs, o azeite está presente nos sacramentos do batismo, confirmação ou crisma, ordem e unção dos enfermos.

A oliveira, nas tradições judaica e cristã, simboliza a paz e a reconciliação.



Leite e mel

O leite é o primeiro alimento que o ser humano toma e, no início da vida, depende dele para viver e crescer. Na Bíblia, Canaã, a terra prometida por Deus ao seu povo, é referida como uma “terra onde corre leite e mel”, ou seja, uma terra fértil, onde há abundância de bens essenciais à sobrevivência e à prosperidade do povo. Além disso, são alimentos que existem na natureza sem ser necessário o trabalho e esforço humano para os obter.



Figueira

Juntamente com a uva e a azeitona, o figo era um dos principais alimentos do povo bíblico. No livro dos Gênesis, Adão e Eva, depois de comerem o fruto da árvore proibida, perceberam que estavam nus e cobriram-se com folhas de figueira.

A figueira estéril serviu de base a uma parábola contada por Jesus, representando as pessoas que não dão frutos de bondade e de fraternidade.

Tal como a figueira estéril, que está condenada ao fracasso e ao esquecimento, assim o ser humano que não produz, não trabalha, está condenado ao fracasso e ao esquecimento.

2 – Ficha de Trabalho

Ficha de trabalho

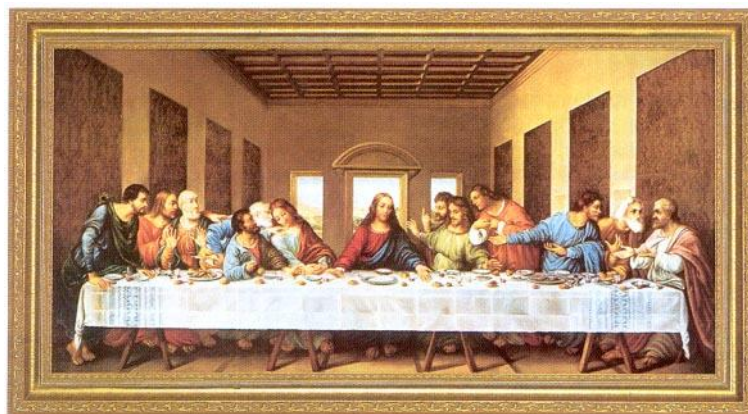
1. Os alimentos têm diferentes simbologias na cultura bíblica. Faz a correspondência entre os alimentos da coluna A e o seu significado na coluna B, registando o número no espaço em branco respectivo.

A	B
1 - Azeite	___ a) Estava associado ao sangue e simbolizava também a alegria.
2 - Figueira	___ b) Era o "pão" que Deus fez descer do céu para alimentar o povo durante a travessia do deserto.
3 - Leite e mel	___ c) As suas folhas serviram para cobrir a nudez de Adão e Eva.
4 - Maçã	___ d) Simbolizava a abundância.
5 - Maná	___ e) Servia para curar, temperar e iluminar e simbolizava a bênção de Deus para a realização de uma missão específica.
6 - Vinho	___ f) A tradição associou-o ao fruto da "árvore do conhecimento do bem e do mal" e à desobediência do homem e da mulher.

2. Desafio da semana: em casa, junto dos familiares, recolher informação sobre plantas aromáticas, chás ou especiarias que utilizam e com que finalidade. (Dou-te um exemplo, para te ajudar: em minha casa utilizo o chá de tília para me acalmar quando estou stressado.)

Aula 4

1 – Imagem da Última Ceia



2 – Powerpoint da Última Ceia

A Última Ceia

Representação da entrega total os outros.

1


Para os povos orientais

- Estar à mesa é mais do que uma reunião: é a celebração de um pacto, acordo, juramento.
- É também o firmar/assumir da paz, confiança, fraternidade, perdão e liberdade.

2


Para os judeus:

- Os judeus mantiveram a tradição dos povos orientais, mas acrescentaram um factor novo: a **oração**.




3

- Assim, antes de cada refeição, o chefe de família partia o pão, mostrava-o a todos e rezava: "Louvado sejas, Senhor Nosso Deus, rei do mundo, que fazes nascer o pão da terra".



4

- Após a oração, o chefe de família distribuía o pão pelos presentes. A fracção do pão simbolizava a transmissão da bênção.
- Após as refeições, recitava-se a acção de graças para agradecer a Deus o alimento recebido.



5

Jesus:

- Jesus segue a tradição judia da fracção e da bênção do pão.
- Enquanto para os povos orientais e para os judeus, à mesa estavam pessoas importantes, com Jesus estão os pecadores e publicanos, pessoas insignificantes e excluídas pela sociedade.

6



- Jesus vem anunciar uma nova realidade: tempo de justiça, de igualdade, de verdade, esta oferecida por Deus a todos, sem excepção.
- O convívio de Jesus com os pecadores e publicanos leva a que os fariseus odeiem Jesus e o condenem à morte.

7



- Jesus, apercebendo-se do movimento dos fariseus, doou a sua vida pelo bem da humanidade, em cada acto, em cada palavra, em cada gesto realizado, até ao limite da morte.
- Essa atitude de dádiva fraterna pelas pessoas é repetida cada vez que se celebra a Eucaristia, que os cristãos consideram como alimento espiritual.

8

Aula 5

1 – Matriz⁷⁵

Matriz do teste

2011.03.28

6.º E

Tema	Conteúdos	Objectivos	Competências	Critérios de correcção		Tipologia	Estrutura	Cotações
				Específicos	Gerais			
família, comunidade de amor	<ul style="list-style-type: none">• Graus de parentesco/laços de sangue	<ul style="list-style-type: none">• Assinalar os elos constituintes da família	<ul style="list-style-type: none">• O valor e a importância da Pessoa no contexto familiar	<ul style="list-style-type: none">• Primo, Pai, Avô, Madrinha, Mãe, Irmão, Avó, Prima, Sobrinho, Filho	<ul style="list-style-type: none">• Por cada erro ortográfico,	<ul style="list-style-type: none">• Resposta de correspondência (Sopa de letras)	<ul style="list-style-type: none">• 1	<ul style="list-style-type: none">• 5 (0,5 x 10)

⁷⁵ A matriz desta Ficha de Avaliação inclui matéria da UL 3 e da UL 4.

	<ul style="list-style-type: none"> • O lugar de cada um na família: participação e responsabilidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como factor de enriquecimento mútuo 	<ul style="list-style-type: none"> • O valor e a importância de cada membro no contexto familiar; igualdade dos membros; 	<ul style="list-style-type: none"> • Ninguém é superior a ninguém; somos todos iguais em dignidade; cada um tem a sua função e responsabilidade (tal como a parábola do corpo); inter-ajuda; 	<p>desrespeito das regras de pontuação, bem como o uso incorrecto dos tempos verbais implica a penalização</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Resposta aberta de composição longa 	<ul style="list-style-type: none"> • 2.1 	<ul style="list-style-type: none"> • 10
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------

	<ul style="list-style-type: none"> • Condições favoráveis e condições desfavoráveis à vivência familiar 	<ul style="list-style-type: none"> • Distinguir as condições favoráveis das condições desfavoráveis à vivência familiar 	<ul style="list-style-type: none"> • A importância das condições favoráveis para a vivência familiar 	<ul style="list-style-type: none"> • Condições favoráveis à vivência familiar: Comunicação/diálogo; Liberdade; Confiança; Emigração; Serviço/interajuda; Afecto; União; Condições salariais; Apoio à Educação, Saúde... por parte do Estado; A reconciliação (compreensão, tolerância, perdão); Respeito; Promoção da singularidade pessoal • Condições desfavoráveis à vivência familiar: Egoísmo, Desemprego; Emigração; Desrespeito; Intolerância; Violência; Desinteresse pelos problemas vividos pelos restantes 	<p>acumulada de meio ponto percentual da cotação.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Respostas com letra ilegível terão uma cotação nula. • Respostas incoerentes com a pergunta, mas que revelem alguma relação com o tema evocado, valem dez por cento da cotação total da pergunta. 	<ul style="list-style-type: none"> • Resposta de correspondência 	<ul style="list-style-type: none"> • 3.1 	<ul style="list-style-type: none"> • 18 (18x1)
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------

	<ul style="list-style-type: none"> • A família de Jesus é modelo de referência para o cristianismo 	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretar episódios históricos e factos sociais, enquadrados geograficamente, em torno do acontecimento de Jesus. 	<ul style="list-style-type: none"> • A família de Jesus: seu contexto familiar, social, económico, religioso 	<ul style="list-style-type: none"> • Jesus nasceu na região de Nazaré e era filho de Maria e de José, cuja profissão era carpinteiro. A sua família era conforme os costumes da época, o seja, o pai era o chefe de família e a educação era dada pela mãe. A vida simples na família, o amor para com os parentes e amigos, o respeito e a obediência, o trabalho, a partilha de tarefas, a oração e o serviço humilde, ofereceram a Jesus as vivências únicas que o ajudaram a crescer e a orientar a sua vida. 		<ul style="list-style-type: none"> • Resposta curta e fechada (banco de palavras) 	<ul style="list-style-type: none"> • 4 	<ul style="list-style-type: none"> • 9 (9xl)
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------

<p>UL 4: O pão de cada dia (Grupo II)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Causas para a subnutrição e sobrenutrição 	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretar produções pictóricas que utilizam ou aludem a valores familiares, sociais e económicos 	<ul style="list-style-type: none"> • Problemas familiares, sociais, económicos 	<ul style="list-style-type: none"> • Imagem 1: subnutrição; pobreza; falta de alimento • Imagem 2: sobrenutrição; riqueza; excesso de alimento 		<ul style="list-style-type: none"> • Resposta curta e aberta 	<ul style="list-style-type: none"> • 1.1 	<ul style="list-style-type: none"> • 8 (4x2)
				<ul style="list-style-type: none"> • O que contribui para a imagem 1: pobreza; falta de recursos económicos; escassez de alimentos; falta de água potável; doença; falta de acesso à comida, ou de uma forma suficiente; falta de nutrientes necessários; precariedade de emprego... • O que contribui para a imagem 2: 		<ul style="list-style-type: none"> • Resposta curta e aberta 	<ul style="list-style-type: none"> • 1.2 	<ul style="list-style-type: none"> • 12 (6x2)

				riqueza; distribuição desequilibrada dos recursos; egoísmo, obesidade, falta de apoio familiar...				
	<ul style="list-style-type: none"> As Misericórdias em Portugal e sua importância 	<ul style="list-style-type: none"> Designar correctamente e a finalidade das Misericórdias Mobilizar os valores da dignidade de todas as pessoas, da solidariedade e da cooperação com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições 	<ul style="list-style-type: none"> Factos sociais, à luz do reconhecimento da dignidade de todos os seres humanos, nos quais esteja patente instituições/organismos na justa distribuição dos bens de primeira necessidade de que é exemplo a Santa Casa de Misericórdia. 	<ul style="list-style-type: none"> Respostas correctas: a) e d) Respostas falsas: b) e c) 		<ul style="list-style-type: none"> Resposta de correspondência 	<ul style="list-style-type: none"> 2.1 	<ul style="list-style-type: none"> 8 (2x4)

		mínimas de subsistência						
		<ul style="list-style-type: none"> Conhecer o lema da Santa Casa de Misericórdia, instituição que trabalha na promoção da vida humana e na distribuição mais justa dos bens de primeira necessidade. 	<ul style="list-style-type: none"> O valor e a importância da pessoa e da sua dignidade 	<ul style="list-style-type: none"> Respostas correctas: Dar de comer a quem tem fome; Ajudar quem necessita do meu apoio no estudo; Dar de beber a quem tem sede; Dar pousada ao peregrino; Vestir o mal vestido; Visitar os doentes e presos 		<ul style="list-style-type: none"> Resposta de correspondência 	<ul style="list-style-type: none"> 2.2 	<ul style="list-style-type: none"> 18 (3x6)
	<ul style="list-style-type: none"> Representação simbólica de alguns alimentos de tradição judaica e cristã 	<ul style="list-style-type: none"> Identificar e caracterizar o significado simbólico-religioso do alimento na cultura judaico-cristã. 	<ul style="list-style-type: none"> O valor e a importância de certos alimentos na cultura judaico-cristã. 	<ul style="list-style-type: none"> Azeite: e) Servia para curar, temperar e iluminar e simbolizava a bênção de Deus para a realização de uma missão específica Figueira: c) As 		<ul style="list-style-type: none"> Resposta de correspondência 	<ul style="list-style-type: none"> 3 	<ul style="list-style-type: none"> 12 (2x6)

				<p>suas folhas serviram para cobrir a nudez de Adão e Eva</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leite e mel: d) Simbolizava a abundância • Maçã: f) A tradição associou-o ao fruto da "árvore do conhecimento do bem e do mal" e à desobediência do homem e da mulher. • Maná: b) Era o "pão" que Deus fez descer do céu para alimentar o povo durante a travessia do deserto • Vinho: a) Estava associado ao sangue e simbolizava 				
--	--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--

				também a alegria				
--	--	--	--	------------------	--	--	--	--

2 – Ficha de Avaliação

Ficha de avaliação

O José foi transferido para esta escola e foi colocado na turma do 6.º E. Numa aula, o professor notou uma cara nova e deu-lhe as boas-vindas. Após a apresentação, perguntou-lhe qual a matéria que estava a estudar neste período para se inteirar da situação académica ao que o José respondeu prontamente:

- No primeiro período estudámos a UL 1 – A pessoa humana; neste segundo estamos a estudar a UL 5 – O respeito pelos animais.

Os alunos do 6.º E ficaram admirados, pois neste período estudaram a UL 3 – A família, comunidade de amor, e a UL 4 – O pão de cada dia.

Como a ficha de avaliação é para a semana, o professor disse que o José não a faria, mas que os colegas responderiam de modo claro, directo e dariam as respostas ao José para ele compreender a matéria que ainda não estudou.

Grupo I



*Por família entende-se "o agregado humano baseado no casamento. Este resulta da diferenciação e complementaridade dos sexos, levando o homem e a mulher a procurar numa união estável a realização pessoal e a sua projecção nos filhos. A família nuclear, constituída pelos pais e filhos, viu-se, sobretudo em épocas passadas, ampliada com outros elementos a ela ligados por laços de sangue, afinidade e serviço."**

* Definição retirada da Enciclopédia Católica Popular – <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/> (acedido a 2011.03.23).

1. Encontra e assinala na sopa de letras graus de parentesco. As palavras estão escritas na horizontal e vertical. São elas:

Primo	Pai	Avô	Madrinha	Mãe	Irmão	Avó	Prima	Sobrinho	Filho
-------	-----	-----	----------	-----	-------	-----	-------	----------	-------

Sopa de Letras - Família																												
P	D	H	I	J	V	F	L	L	T	A	W	T	H	P	M	A	D	R	I	N	H	A	K	K	X	O	H	O
L	T	Y	B	I	K	D	I	G	T	M	K	J	L	A	Q	K	M	P	U	M	X	M	Q	O	W	B	D	H
T	A	G	I	K	P	F	M	F	H	V	X	T	Q	I	O	G	F	K	W	P	O	F	W	N	F	E	O	W
S	U	E	P	F	J	D	H	W	R	D	Q	G	H	F	T	I	S	A	V	Ö	W	R	W	S	P	S	K	Q
M	S	O	B	R	I	N	H	O	I	Q	I	I	Q	G	J	A	I	F	S	P	T	H	Q	O	U	R	E	I
Â	V	S	W	G	B	P	X	E	I	Q	O	J	A	P	R	I	M	A	Y	T	V	O	M	T	J	B	K	H
E	F	N	I	A	C	F	W	U	W	V	E	Y	D	U	O	H	S	R	C	K	T	M	Y	F	H	P	X	J
F	L	E	F	I	L	H	O	W	K	F	T	Q	J	M	R	D	K	B	E	J	C	F	F	W	X	N	X	S
U	H	G	I	S	L	P	K	N	U	W	V	G	G	E	C	K	P	I	R	M	Â	O	X	W	C	K	D	A
D	G	L	N	Q	U	S	C	Y	X	N	L	S	X	O	L	G	W	K	C	K	J	I	T	I	E	L	U	V
I	E	O	S	U	V	D	Q	U	W	X	N	T	L	V	D	B	J	C	S	L	W	K	N	G	D	Y	C	Ó
F	Y	C	H	X	P	F	Y	Y	L	L	K	A	K	P	R	I	M	O	T	I	C	A	P	C	D	F	M	H

2. *Na família, todos têm a mesma importância. Não há quem seja maior ou menor: cada um tem a sua responsabilidade. Independente da função que exercemos, somos todos membros fundamentais para o funcionamento da família.*

2.1 Comenta esta afirmação tendo como ponto de partida a parábola do corpo estudada na aula.

3. *A família é reconhecida pelo Estado, pelos organismos internacionais e pela sociedade civil como a estrutura basilar da comunidade humana. No*

entanto, há condições favoráveis e condições desfavoráveis à vivência familiar.

3.1 Assinala com **F** as condições **F**avoráveis e com **D** as condições **D**esfavoráveis à vivência familiar:

- | | | |
|----------------------------------------------|----------------------------------------------|---------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Comunicação/diálogo | <input type="checkbox"/> União | <input type="checkbox"/> Respeito |
| <input type="checkbox"/> Liberdade | <input type="checkbox"/> Intolerância | <input type="checkbox"/> Promoção da |
| <input type="checkbox"/> Egoísmo | <input type="checkbox"/> Condições salariais | singularidade pessoal |
| <input type="checkbox"/> Confiança | <input type="checkbox"/> Apoio à Educação, | <input type="checkbox"/> Violência |
| <input type="checkbox"/> Desemprego | Saúde... por parte do | <input type="checkbox"/> Desinteresse pelos |
| <input type="checkbox"/> Emigração | Estado | problemas vividos pelos |
| <input type="checkbox"/> Serviço/inter-ajuda | <input type="checkbox"/> A reconciliação | restantes membros |
| <input type="checkbox"/> Desrespeito | (compreensão, | familiares |
| <input type="checkbox"/> Afecto | tolerância, perdão) | |

4. Conheces bastantes dados sobre a vida de Jesus de Nazaré. Tenta lembrar-te de alguns e completa os espaços com o auxílio do banco de palavras.

Maria amor carpinteiro trabalho obediência mãe Belém
chefe de família tarefas

Jesus nasceu em _____ e era filho de _____ e de José, cuja profissão deste era _____. A sua família era conforme os costumes da época, ou seja, o pai era o _____ e a educação era dada pela _____. A vida simples na família, o _____



para com os parentes e amigos, o respeito e a _____, o _____, a partilha de _____, a oração e o serviço humilde, ofereceram a Jesus as vivências únicas que o ajudaram a crescer e a orientar a sua vida.

A família de Nazaré é modelo de referência para o cristianismo.

Grupo II

Todos percebemos a importância que a alimentação tem no nosso dia-a-dia. Pela manhã sentimos necessidade de tomar uma boa refeição que nos forneça energia necessária para iniciarmos as nossas actividades. Ao longo do dia, quando as energias começam a faltar, interrompemos as actividades para tomarmos as várias refeições.

1. Repara nas seguintes imagens



Imagem 1



Imagem 2

1.1 Com os conhecimentos adquiridos nas aulas de EMRC, que título darias a cada imagem?

Imagem 1 _____

Imagem 2 _____

1.2 Quais os problemas que conduzem a estas situações, de acordo com as conclusões a que chegámos nas aulas?

2. A primeira Misericórdia, criada em 1498, em Lisboa, pela rainha D. Leonor, surgiu devido ao desenvolvimento da expansão marítima, da actividade portuária e comercial que favorecia o afluxo de gente na procura de trabalho. As condições de vida degradavam-se e as ruas transformavam-se em locais de pobreza, abandono, orfandade, mendicidade e doenças.

2.1 Assinala com **V** ou **F** consoante as afirmações sejam Verdadeiras ou Falsas.

a) As Misericórdias surgiram devido à pobreza, orfandade e doenças que havia nas ruas.

b) Em 15 de Agosto de 1498, a rainha Dona Leonor fundou a segunda Misericórdia.

c) A Misericórdia não apoiava os chamados "envergonhados" (pessoas decaídas na pobreza, por desgraça).

d) Para além do apoio material, também promovia a intervenção espiritual (orações, missas, funerais, visitas a condenados à morte...)

2.2 Para além das Misericórdias ou outras instituições que lutam pela justa distribuição dos bens de primeira necessidade, que gestos e atitudes concretas podes assumir para ajudar os que te rodeiam, de acordo com a mensagem cristã?

Assinala com **X** as respostas certas.



- ___ Dar de comer a quem tem fome
- ___ Maltratar quem nos maltrata
- ___ Ajudar quem necessita do meu apoio no estudo
- ___ Dar de beber a quem tem sede
- ___ Rir da piada de um colega

- ___ Dar pousada ao peregrino
- ___ Perturbar a atenção dos colegas na aula
- ___ Vestir o mal vestido
- ___ Rir do que escorregou e caiu
- ___ Visitar os doentes e presos

3. Dada a sua importância, os alimentos assumem diferentes significados na cultura bíblica. Faz a correspondência entre os alimentos da coluna A e o seu significado na coluna B, registrando o número no espaço em branco respectivo.

A	B
1 - Azeite	___ a) Estava associado ao sangue e simbolizava também a alegria.
2 - Figueira	___ b) Era o "pão" que Deus fez descer do céu para alimentar o povo durante a travessia do deserto.
3 - Leite e mel	___ c) As suas folhas serviram para cobrir a nudez de Adão e Eva.
4 - Maçã	___ d) Simbolizava a abundância.
5 - Maná	___ e) Servia para curar, temperar e iluminar e simbolizava a bênção de Deus para a realização de uma missão específica.
6 - Vinho	___ f) A tradição associou-o ao fruto da "árvore do conhecimento do bem e do mal" e à desobediência do homem e da mulher.

Aula 6

1 – Relatório-síntese dos dados aferidos na e pela Ficha de Avaliação

Relatório-síntese dos dados aferidos na e pela Ficha de Avaliação

Da análise da Ficha de Avaliação, foi possível apurar os seguintes resultados:

1. dois alunos faltaram. Deixei as respectivas fichas de avaliação à Directora de Turma para as entregar e realizarem numa aula de Formação Cívica, Área de Projecto ou Estudo Acompanhado;
2. dois alunos com resultado Suficiente;
3. quatro alunos com resultado Muito Bom;
4. onze alunos com resultado Bom;
5. a questão onde os alunos obtiveram melhores resultados foi a 5, ou seja, completar os espaços em branco com a ajuda do banco de palavras;
6. a questão em que os alunos apresentaram mais dificuldades, apesar de ter sido uma questão que foi trabalhada pelos alunos na aula, foi a 1. É uma questão de resposta curta, mas aberta. Não conseguiram definir satisfatoriamente o termo biodiversidade, nem mesmo utilizando a definição da disciplina de Ciências da Natureza;
7. na questão 5, apesar de se recorrer ao banco das palavras, houve nove alunos que copiaram as palavras sem darem erros. A palavra que mais erros apresentou: violência (violencia). Seguiram-se Deus (deus) e Homem (homem e homen).

Em suma, nas questões de resposta curta e fechada ou de correspondência, os alunos registaram elevados desempenhos. Nas questões abertas, de raciocínio, de reflexão, os alunos tiveram mais dificuldades em corresponder ao solicitado. Apesar disso, foi perceptível o facto de os alunos terem apropriado satisfatoriamente os conteúdos abordados na aula, dando-se por isso, como cumpridas, as competências previstas para este terceiro período.

Conclusão

Ao terminar esta Dissertação, tenho a consciência que o caminho traçado foi uma possibilidade ao emaranhado de oportunidades que se disponibilizaram na minha pesquisa e na elaboração desta Dissertação.

Assim, pela análise realizada, no primeiro capítulo, abordamos a quarta UL tal como se apresenta no MA, ou seja, apresentando a importância da alimentação a vários níveis: nível biológico, cultural, religioso, artístico... para depois chegar a uma análise da perícopes Jo 6, 1-15.

Nesta perícopes, reflectimos e aprofundamos as acções de Jesus, em que ele é o protagonista e que culminarão na questão: é possível a multiplicação dos pães e dos peixes, hoje?

Sim, é possível, hoje, a multiplicação do *pão*, atendendo às várias apropriações e significados que *pão* poderá ter. Para isso, ter-se-á que se realizar o milagre do amor, ou seja, a fé e o amor cristão terão que passar da eucaristia – onde Jesus se apropria do *pão* como alimento espiritual (Jo 6, 35) e que se multiplica em cada celebração da fracção do pão (Lc 22, 19) para saciar a fome da comunidade eclesial e de todo o Homem –, para a vivência do dia-a-dia: no trabalho, na família, no círculo de amigos, na comunidade... para ser, de verdade, fé e amor em acção, ou seja, perante a fome, tomarmos as atitudes de Jesus: entrever, ver, ter compaixão, procurar soluções, dar-se e servir quem está faminto. Apropriando-me das palavras de Bento XVI, «*Jesus não nos pede aquilo que não temos, mas faz-nos ver que se cada um oferece aquele pouco que tem, o milagre pode sempre acontecer: Deus é capaz de multiplicar o nosso pequeno gesto de amor e nos tornar participantes do seu dom*»⁷⁶.

No segundo capítulo fizemos uma análise pedagógica e didáctica, reflectindo sobre os conteúdos oferecidos e apresentando anulações, reformulações ou sugestões, não só para a leccionação da UL na minha turma adstrita, mas noutras turmas em que era professor titular noutras escolas, chamando a atenção para o conteúdo da Última Ceia, que

⁷⁶ Bento XVI, Oração do Angelus de 29 de Julho de 2012. In http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2012/documents/hf_ben-xvi_ang_20120729.html. (consultado a 2015.08.28).

desatentamente se refere à Eucaristia, o que, à primeira vista, parece descabido, uma vez que em EMRC poderá estar inscrito qualquer aluno de qualquer confissão religiosa e poderá entrar em conflito com a sua confissão religiosa ou movimento religioso ou colocar em causa a legitimidade de EMRC como oferta obrigatória mas de inscrição facultativa no ensino público português. Descortinado, posteriormente e com mais calma, faz sentido a apresentação deste *conteúdo*, pois a disciplina de EMRC é de cariz católica. Assim, é lógica e racional a apresentação da Eucaristia, segundo esta perspectiva, até porque vai de encontro com a simbologia judaico-cristã do alimento e é coerente com o *Programa* de EMRC do Sexto Ano.

Na sugestão de interdisciplinaridade acrescentou-se mais disciplinas do que as apresentadas, tais como Matemática, Inglês, Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal.

No terceiro capítulo, foi realizada a caracterização da turma com dados, leitura e inferências pedagógico-didáticas para a disciplina de EMRC, sendo de ressaltar uma turma pouco trabalhadora, barulhenta, mas que era voluntariosa nas campanhas de luta contra a fome.

A experiência e as aprendizagens foram também intervencionadas. Assim, no início desta PPS notei um grande défice no meu acto de planear e, mais concretamente, de o transpor no plano de aula, tal como o domínio da linguagem científica e técnica da planificação (os destinatários, objectivos, competências, conteúdos, recursos, estratégias, actividades e experiências de aprendizagem – confundia tudo e muitas vezes tinha dificuldade em perceber para que existiam tantos campos). Expor oralmente a aula era uma tarefa difícil, se não, quase impossível.

Neste momento, isso já não se reflecte, graças à desmontagem e reconstrução da Unidade Lectiva, que me abre novos horizontes e me torna mais capaz de planear e, muitas vezes, replanear, quer com calma, quer sob pressão, não só recorrendo a uma planificação realizada informaticamente, como rabiscada num papel a lápis ou até mesmo esquematizada mentalmente.

Com esta aprendizagem, fui-me libertando do MA e tornando-me mais independente e criador de novos materiais didáticos, pois estava preso aos materiais existentes no CA e tinha pouca originalidade e criatividade. Eu era um “executor de

manuais”. Isto foi constatado nas primeiras planificações de aula que, mesmo após as correcções, contêm deficiências. A partir do final do primeiro período, o acto de planear afigurou-se-me muito mais claro, perceptível e com um fio condutor, conseguindo elaborar uma planificação exequível, tal como a proposta de planificação a médio prazo da UL 4, com as respectivas fundamentações e apropriações para a turma em questão.

Para finalizar este terceiro capítulo, um apontamento sobre ser professor de EMRC, hoje e que por mim foram apropriados. Ouvi e acarinhei o que se passou com a turma, um aluno, um grupo, um professor, favorecendo, assim, um clima de confiança, de autenticidade, de abertura e de diálogo franco e aberto, demonstrando, assim, uma inegável sensibilidade humana, tal como *«Jesus que olha sempre para o outro como próximo, coloca-o sempre à Sua estatura, remetendo-o não a Si mas ao Pai que olha para cada um pelo que é e por aquilo que cada um é. Desta forma, o próximo é aproximado à humanidade de si mesmo e ao transcendente»*⁷⁷.

Para além de me aperfeiçoar pessoal e profissionalmente, pretendi ajudar cada aluno a encontrar uma resposta para as interrogações que lhe vão surgindo: o que é a pessoa, qual o seu sentido e a sua relação com o divino e o humano: a família, os outros e a natureza.

Pretendi, também, ter em consideração o valor humanizante e educativo da mensagem cristã, pois esta contribuirá para proporcionar aos educandos a hipótese de fazer opções que os dignifiquem e ajudará a fazer a análise da experiência pessoal e à interpretação do seu significado, à luz da doutrina cristã, motivando-os na busca de novos horizontes, de novas atitudes e de razões incitadoras de crescimento humano feliz.

Assim, o professor de EMRC, em especial, tem uma missão muito nobre, uma vez que transparece uma contemporaneidade global laicizante, de reabilitar a *«sadia relação bíblica e talmúdica mestre-discípulo para tentar travar o processo de indiferenciamento da educação actual. Só assim será possível enriquecer uma tradição cultural e não a perder. Como refere o Rabbi Haninah: “aprendi muito dos meus mestres, dos meus companheiros ainda mais do que dos meus mestres, e dos meus discípulos ainda mais do que de todos eles”*. [...]

⁷⁷ CARVALHO, José Carlos – *Educação cristã*, 132-133.

Mas em suma, a educação cristã tem futuro e tem lugar, não tanto devido às necessidades que a poderão provocar e provocam, mas porque ela representa por si mesma a parábola do crescimento total do humano»⁷⁸.

⁷⁸ CARVALHO, José Carlos – *Educação cristã*, pág. 134.

Bibliografia

- AFONSO, Isilda Lourenço; PEREIRA, Néson Rodrigues – *Palavras ao vento*. Língua Portuguesa / 6.º Ano. Vila Nova de Gaia: Gailivros, 2005.
- ALDAZÁBAL, José - *La eucaristía*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1999.
- ALDAZÁBAL, José - *Vocabulario básico de liturgia*. 2ª ed. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1996.
- ALVES, Herculano - *Símbolos na Bíblia*. Fátima: Difusora Bíblica, 2001.
- AMORIM, Ana; VARGAS, Beatriz; LOBATO, Maria João – *História e Geografia de Portugal*. 6.º Ano / 2.º Ciclo. Lisboa: Lisboa Editora, 2008. Nota: este manual é constituído por duas partes.
- ARMELLINI, Fernando – *O banquete da palavra: comentário às letras dominicais. Ano B*. Lisboa: Paulinas, 1996.
- AA.VV. – *A Eucaristia na Bíblia*. 2.ª Edição. Lisboa: Difusora Bíblia, 2000, Colecção Cadernos Bíblicos, n.º 19.
- BECKHÄUSER, Alberto - *Símbolos litúrgicos*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- *Bíblia de Jerusalém*, 9.ª Edição. São Paulo: Paulus, 1994.
- BUENO SÁNCHEZ, Manuel; BUENO LOZANO, Manuel – *Aceite, pan y vino. La trilogía de la dieta mediterránea*. Madrid: Ilusbooks, 2015.
- CABALLERO, Basilio – *La palabra cada día. Comentario y oración*. 3.ª Edición. Madrid: San Pablo, 1990.
- CABALLERO, Basilio – *La palabra cada domingo. Años A-B-C: comentario y oración*. 2ª ed. Madrid: San Pablo, 1993.
- CARVALHO, José Carlos – *Educação cristã: saudosismo, utopia ou futuro* (artigo para a Semana de Teologia de Braga). In Revista Theologica, 37 (2002).
- CARVALHO, José Carlos – *Fontes bíblicas da eucaristia*. In Revista Theologica, 2.ª Série, 43, 1, 2008.
- *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.
- COENEN, L.; BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. – *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*. Vol. III. Salamanca: Ediciones Sígueme.

- COSTA, Cristina; TEIXEIRA, Isabel; MENEZES, Paula – *New Cool Kids*. Inglês 6.º Ano. Lisboa: Texto Editora, 2011.
- COSTA, José David D. – *Jogo limpo*. Educação Física 5.º/6.º anos. Porto: Porto Editora, 2004.
- COUTO, António – *Como uma dádiva. Caminhos de Antropologia Bíblica*. 2.ª Edição. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005.
- COUTO, António – *Quando Ele nos abre as escrituras. Domingo após Domingo. Uma leitura bíblica do Lecionário. Ano B*. Lisboa: Paulus Editora, 2014.
- DELATTE, Dom Paul – *Chaque dimanche la bonne nouvelle. Commentaire des lectures du Nouveau Testament pour tous les dimanches*. Sablé-Sarthe: Solesmes, 1986-1988. Année B.1: De l'Advent à la Fête-Dieu. - 244, [6] p. Année B.2: Temps ordinaire et fêtes. - 282, [3] p.
- *Didaché / doctrina apostolorum / epistola del Pseudo-Bernabé*. Edição de AYÁN CALVO, Juan José. Madrid, Ciudad Nueva, 1992.
- DOS SANTOS BOTAS, Dilaila Olívia – *A utilização dos materiais didáticos nas aulas de Matemática. Um estudo no 1º ciclo*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Ensino das Ciências – Especialidade em Ensino da Matemática pela Universidade Aberta, sob a orientação da Professora Doutora Darlinda Moreira, em 2008. Texto policopiado.
- GNILKA, Joachim - *Pablo de Tarso: apóstol y testigo*. Barcelona: Herder, 1998.
- JACOB, Heinrich Eduard – *6000 anos de pão*. Lisboa: Antígona, 2003.
- JEREMIAS, Joaquim – *Jerusalém no Tempo de Jesus: Pesquisas de história económico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- *La palabra de Cristo*. Repertorio orgánico de textos para el estudio de la homilias dominicales y festivas. Tomo 3: Cuaresma y tiempo de pasion. Elaborado por una comisión de autores bajo la dirección de Mons. Angel Herrera Oria. Madrid: La Editorial Católica. 1954, Série Verbum Vitae.
- LANGNER, Córdula – *Evangelio de Lucas, Hechos de los Apostoles*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2008.
- *Le Point Hors-série*, n.º 11, Novembre-décembre, 2006.

- MENDONÇA, José Tolentino – *Pai-Nosso que estais na Terra. O Pai-nosso aberto a crentes e a não-crentes*. Paulinas: Prior Velho, 2012.
- MESTERS, Carlos – *Apocalipse de São João: a teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PERALTA, Catarina Rosa; CALHAU, Maria Beleza; SOUSA, Maria Fernanda de – *Páginas da Vida. Ciências da Natureza 6.º Ano [Guia do Professor]*. Porto: Porto Editora, 2011.
- PEREIRA-MÜLLER, M. Margarida – *Pão feito em casa*. Feitoria dos livros, 2011.
- PINHO, Arnaldo – *Jesus Cristo: Quem é?* Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.
- RAHNER, Karl – *Pregações bíblicas*. São Paulo: Editora Herder, 1968.
- ROLO, Alice Pinto; MONTEIRO, Sandra Carina – *Onda matemática. Matemática 6.º Ano. 1.ª Edição*. Livraria Arnado, 2001.
- ROSAS, Ricardo López e RICHARD, Pablo – *Evangelio y Apocalipsis de san Juan*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2006.
- SCHNACKENBURG, Rudolf – *El Evangelio Según San Juan. II Versión y comentario. Tomo II*, Barcelona: Herder, 1980.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Caminhos de Encontro. Manual do Aluno – EMRC – 5.º Ano do Ensino Básico*. Lisboa: Edições Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2009.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Nós e o Mundo. Manual do aluno – EMRC – 6.º Ano do Ensino Básico*. Lisboa: Edições Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2011.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*. Lisboa: SNEC, 2007.
- SEIXAS, António; GASPARGAS, Fernando; ANDRADE, Luísa – *Educação Visual e Tecnológica. Criar Inovar. Manual do 2.º Ciclo: 5.º e 6.º anos de escolaridade*. Didáctica Editora.
- SESBOUË, Daniel – *Pan*. In LÉON-DUFOUR, Xavier (dir.) – *Vocabulario de Teología Bíblica*. Barcelona: Editorial Herder, 1965.
- THAYSE, André - *Jean: l'Évangile revisité*. Paris: Cerf, 2001.

- THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette – *O Jesus Histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.
- TUÑI, Josep-Oriol; ALEGRE, Xavier – *Escritos joánicos y cartas católicas*. 4.^a Ed. Estella: Editorial Verbo Divino, 2000.
- TUYA, Manuel – *Introducción a la Biblia*. Madrid: La Editorial Católica, 1967.

Internet

- DEBRAY, Régis – “L’enseignement du fait religieux dans l’École laïque” - Rapport à monsieur le ministre de l’éducation nationale, Février, 2002. In <http://www.iesr.ephe.sorbonne.fr/docannexe/file/3739/debray.pdf> (accedido a 2010.09.17).
- <http://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc> (accedido a 2013.04.03).
- Enciclopédia Católica Popular – <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/> (accedido a 2011.03.23).
- http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2012/documents/hf_ben-xvi_ang_20120729.html (accedido a 2015.07.24);
- http://www.pucsp.br/rever/rv3_2009/t_domingos.pdf (accedido a 2010.09.17).